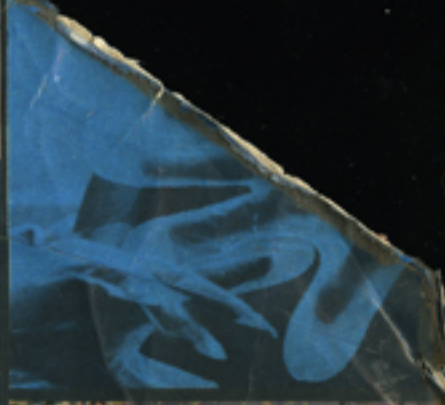


NOVACULTURA

NAVILOUÇA

EDIÇÕES GEP



primeira edição
ÚNICA



DOS
SOCINOTAQUA
SOCINOTA



ENVIRONMENTAL

Waly Saifon
Fotos de



NAVILOUCA

EDIÇÕES GERNASA E ARTES GRÁFICAS LTDA.
Rua Leandro Martins, 76 — Tel. 223-0649
Rio de Janeiro — GB — Brasil — CEP 20.000

Editor responsável
Lucio Urubatan de Abreu

Organização e coordenação editorial
Torquato Neto
Waly Sailormoon

Programação visual
Óscar Ramos
Luciano Figueiredo

Diagramação
Ana Maria Silva de Araújo

Montagem
Sílvia Vidal

Revisão
Léa Nilce Mesquita

Produção gráfica
Arley Silva

Montagem
Ary Quern

Trabalhos de:
Augusto de Campos, Rogério Duarte, Torquato Neto, Waly Sailormoon,
Décio Pignatari, Duda Machado, Hélio Oiticica, Jorge Salomão,
Stephen Berg, Luiz Otávio Pimentel, Chacal, Luciano Figueiredo,
Óscar Ramos, Ivan Cardoso, Lygia Clark, Caetano Veloso,
Haroldo de Campos

Fotos de:
Alexandre Koester — AK, Ivan Cardoso — IC, Maurício Cirne — MC,
Rubens Maia — RM, Arnaldo Medeiros — AM, Kisco — K, Carlos — C,
Carlos Ronald de Carvalho — CRC, Miguel Rio Branco — MRB,
Eduardo Clark — EC, Hélio Oiticica — HO, Deca — D,
Ricardo Horta — RH, Antonio Noronha (foto da capa de Torquato Neto),
Bina Fonyat (Foto/encarte — Gelete)
Copyright das fotos são indicadas pelas iniciais de cada fotógrafo.

Fotolito
Artenova — Rua Prefeito Olímpio de Melo, 1774

Composição
Linotipia Luna — Rua Camerino, 162

Impressão
Companhia Editora Americana — Rua Visconde de Maranguape, 15



AUGUSTO DE CAMPOS

SONETERAPIA

**“desta vez acabo a obra”
gregório de matos**

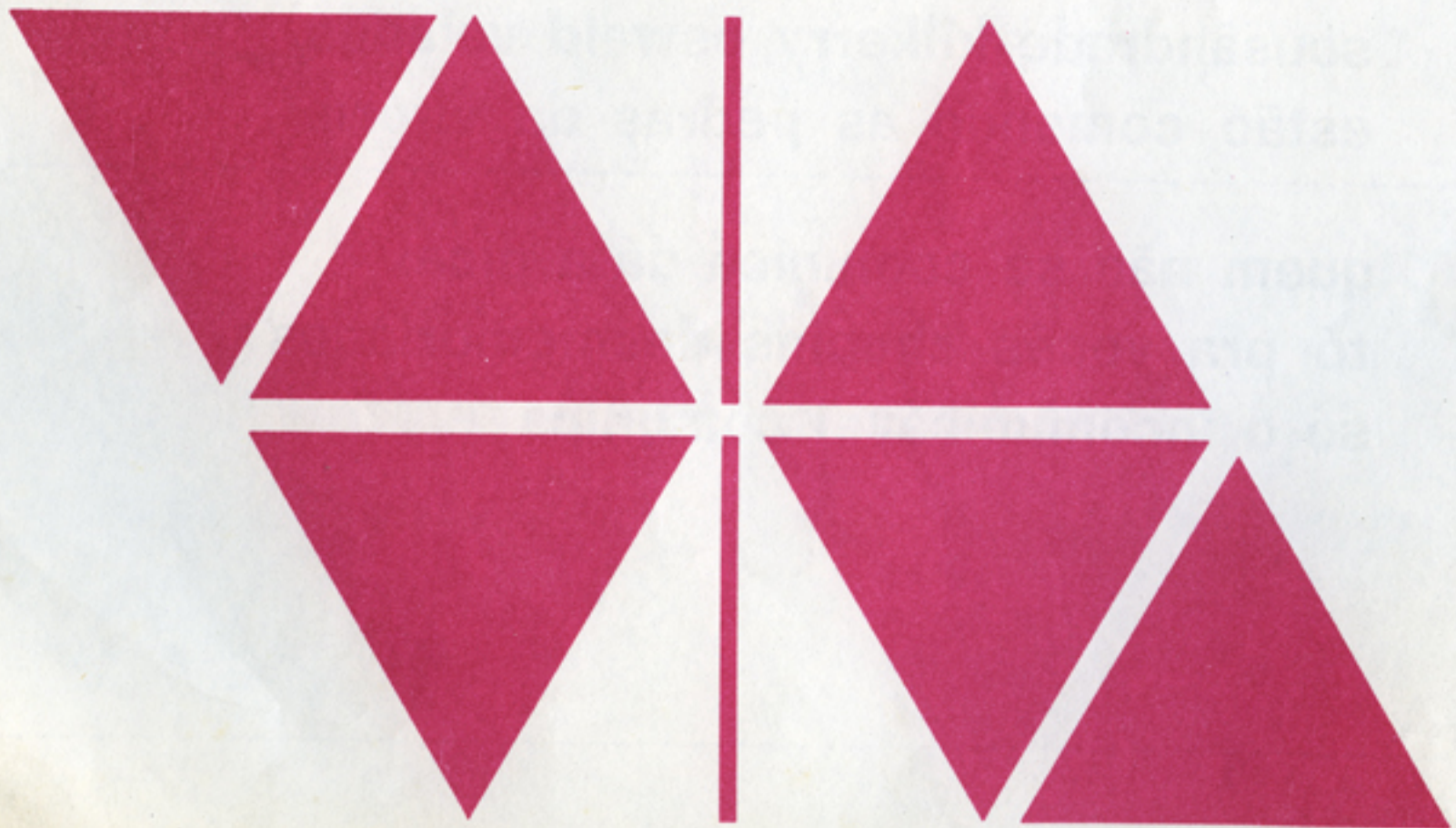
**drummond perdeu a pedra: é drummundano
joão cabral entrou pra academia
custou mas descobriram que caetano
era o poeta (como eu já dizia)**

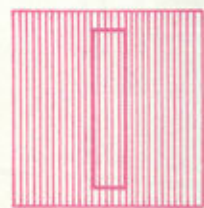
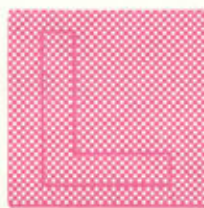
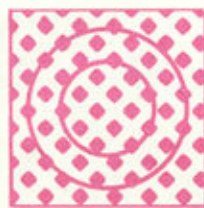
**o concretismo é frio e desumano
dizem todos (tirando uma fatia)
e enquanto nós entramos pelo cano
os humanos entregam a poesia**

**na geléia geral da nossa história
sousândrade kilkerry oswald vaiados
estão comendo as pedras da vitória**

**quem não se comunica dá a dica:
tó pra vocês chupins desmemoriados
só o incomunicável comunica**

MONUMENTO À VAIA





Depois que eu deixei crescer a barba as coisas continuaram igualmente confusas, exceto pelo acréscimo da barba que se associa ao antigo caos e o revela com aparente nova fúria. Não sei mesmo porque me permiti tal embuste (sim, nada agora merece mais do que este qualificativo).

Foi depois da visita à fazenda natal e do retrato do bisavô peludo que acabou por me sugerir reencarná-lo. Caricatura do meu passado me tornei porque caricaturei a busca de mim mesmo indo atrás dos detritos que o meu caminho deixou à margem.

Estranho às vezes ao meu corpo assusto-me frente ao espelho na vã tentativa de captar-me outro e recebê-lo na minha ternura ou, menos ainda, procurando especular sobre a aparência nova e suas possibilidades de realizar o paradoxal embuste de parecer humana, coisa aliás que se não se realiza é apenas em função da minha recusa.

Terá que ser desta mesma guitarrística maneira o continuar no ato de fazer a ladainha dos pães de cada dia. Talvez tenha descoberto eu hoje uma maneira nova: não se trata de cometer o verbo mas sim de esgotar-se no só afã de cometê-lo, ou de convencionar-se para si a fatalidade de cumpri-lo. Isto poderia se compreender imaginando-se a ação de modo a não diferenciá-la da não-ação. E é tangível quando tragicamente se cai na penumbra da unidade, ou zona do fenômeno.

Talvez, se a fidelidade a cada dia me compra o direito da depuração contínua, eu chegue a escutar a viva voz que articula a vibração do manifesto.

Guitarristicamente tecendo em dedos é espera-deflagração.

Que chance? O meu destino desenvolveu-se enquanto eu mantinha os olhos tapados e já nem me reconheço nele.

Brutalmente a qualquer momento pode surgir a vida, eu sei que não estou preparado. O medo que é sombra da luxúria, aproveitou-se do meu corpo inteiro como morada do seu escuro.

Eu sinto, quando estou falando com alguém, nitidamente a sensação de não controlar a espontânea linguagem de loucura e sofrimento que torna como que desconcertantemente ridícula (já que a cobre e nega) a comunicação esboço-vomitada.

É absolutamente igual à fé na chegada do Messias o prognóstico sobre a passagem de um Cometa. Se nos voltamos para o grande corpo, sem um sequer leve cilício, tomamos o líquido aviso, confundimos a nossa alma com Ele.

Daqui a alguns anos a moral será uma ciência misteriosa ao alcance apenas de uns poucos iniciados que, de resto, ninguém viu. A Fé, as Leis, etc., serão no Futuro não muito distante de uns duzentos anos como hoje são a alquimia, astrologia e lá vai fumaça...

Eu sou muito amigo do Rei, eu me dou bem com o Rei, Eu sou o outro Rei.

Hereafter all will be different, you need to get a very human face...

Texto de Rogério Duarte
psicografado por Rogério Duarte

em um negativo transparente
colorir, tingir com as cores do alma

ZEI ↓

Tratase no mais
de hacer de un
flaco el jefe grande?

O BOXER DO CIRCO COMO SEMPRE
APALXONA-SE PELA DOMADORA

VE
SOBREM ENTÃO A LUTA
FATAL

A PROXIMA
SE

DES ENLACE

ha sido
campeon
de su clase
en Asuncion
Pero hoy
tiene casi
dos veces
la edad
de aquentances

O LEÓEZINHOS ROSNAM
COM OS OLHOS MAGOADOS rasos d'agua

A IMPLACABLE

EREC

~~ou ça~~

h a

n a

ca sa

onde moro

trinta pombos

exatamente debochados



brava

gente

brasi

leira

Tremor

servil

JE

§

Sendo eu o feliz proprietário de uma inteligência verdadeiramente fantástica aprendi desde cedo a vir da desgraça alheia como se fosse um poema doloroso demais para voce" §

§

A gente deixa de escrever quando ^(sente) que as palavras fundamentais, por serem formuladas e a gente perde, vai perdendo aquele inicial entusiasmo pela palavra §

JE

na m

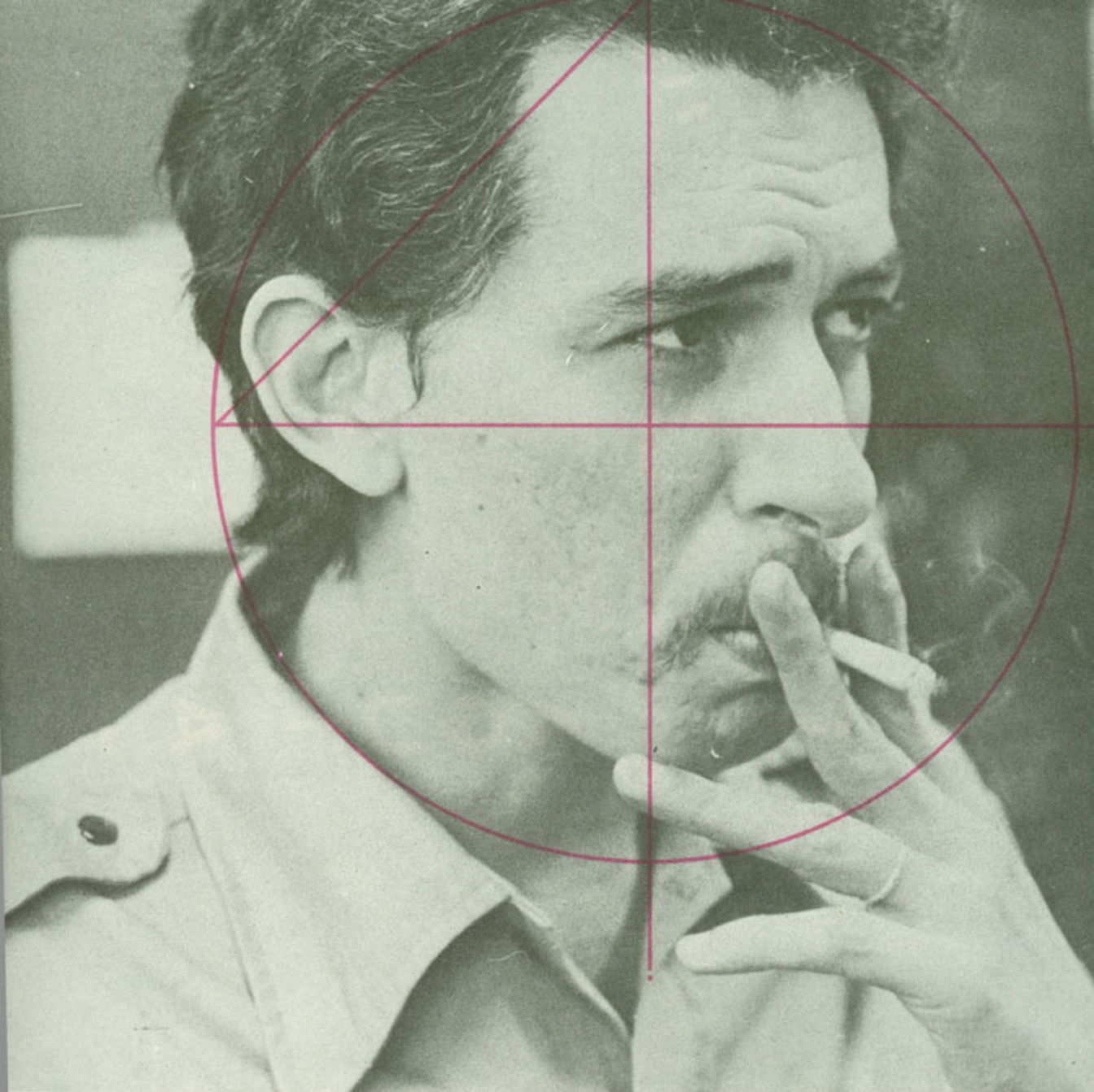


desenhar Sobre as velhas
matrizes

GÔSTO DESGOSTO

desenhar sobre as velhas matrizes
nossos mais íntimos pensamentos

~~_____~~
PORISSO NÃO ME POVOA MAIS
O FANTASMA DA POESIA



TORQUATO NETO



A
Q
U
I
A
L
I



vir

ver

ou

vir



A
Q
U
I
A
L
I



POETA
MAEDA
ARTES
MANHA
SDARM
ASDHO
JEDHA~
MANHA



WALY SAILORMOON

PLANTEAMENTO DE CUESTIONES

- 1 — Queu não estou disposto a ficar exposto a cabecinhas ávidas quadradas ávidas em reduzir tudo todo esforço grandioso como se fosse expressão de ressentimentos por não se conformar aos seus padrões culturais:
Meu texto não é só pra ser visto numa ordem emocional (grilado ou sem bode, numa "boa" ou numa "ruim", incucado ou desbundado, alegre ou triste, amor ou ódio, etc.) porque os estados sentimentais são muito dependentes da rareté, da insuficiência carência de condições — deve ser visto do ponto de vista numa ordem menos impressiva, menos passiva, mais criadora — como experimentação de novas estruturas, novas formas de armação, como modo de composição não-naturalista.
Alargamento não-fictional da escritura.

- 2 — Relação culposa do produtor com o produto — medo do mundo exterior — lassidez uterina — temor do olho do outro, etc. etc..
Auto inquisições — escrever e rasgar — piras de papel virando cinzas — castrações — trash psiquico, etc. etc. Já eu sou pela
CONSTRUÇÃO EM PROGRESSO.
Grandes batalhas:
forço a barra pras minhas produções saírem, no maior estoicismo, porque tenho bem forte uma utopia revolucionária de que um produto lançado pra fora puxa outro puxa outro puxa outro permitindo uma continuidade produtiva
(Graças a Deus).

- 3 — Manutenção da luta por criação de estruturas de produção independente — Groovy (ou Groovie) Promotion — Unidade Integrada de Produção: "homólogas" às empresas burguesas. Por outro lado: o nome Underground, no Brasil 72, é o nome dum campo de confinamento.
As pessoas ainda acham pouco e ficam criando confinamentos — estou falando, por ex., do uso de expressão Underground do Brasil.
Waly Sailormoon, eu preciso de um sonho muito grande **MUITO GRANDE** muito grande pra não me acabar
OU:
Waly Sailormoon, eu preciso de um sonho muito grande **MUITO GRANDE** muito grande pra não me acabar **SUBDESENROLADO.**
QUEU não **DEVO** nada a ninguém.

- 4 — **FORÇAR A BARRA:**
estou possuído da **ENERGIA TERRÍVEL** que os tradutores chamam **ÓDIO** —
— ausência de pais: rechaçar a tradição judeo-cristiana — ausência de pais culturais — ausência de laços de família —
Nada me prende a nada —
Produzir sem esperar receber nada em troca:
O Mito de Sisifud.
Produzir o melhor de mim pari-passu com a perda da esperança
de recomPensão .Paraisn

FIM DA FEBRE
DE
PRÊMIOS & PENSÕES
DUM
POETA SEM
LLAAUURREEAASS

- 5 — Por uma continuidade produtiva:
inVERnÃO

- 6 — (Maiacovsky: demanda social da poesia).
Meu receptor pretendido é o beautiful people. Impreciso indefinido transitório mas mesmo assim...

7 — Ordem de produção:

Balneário Bahia e Obras Escolhidas — I;
Anexo Montanha Mágica — romance teresopoteutão — II;
Planteamiento de Cuestiones — III.

Que são:

8 — Dedicados a Claudio Siboney.

9 — Ponto Final: pra nem me referir a níveis mais largos ou mais profundos de percepção, mesmo sem sair do campo da colocação da produção, a Inteligencia é uma energia limitada — a Inteligencia não pode muito; é preciso PIQUE, resistência ao desgaste, ao estraçalhamento, à devagareza, ao medo, ao (t)acanhamento, etc etc etc etc etc etc

A maior qualidade pro produtor cultural, aqui e agora, é a de (ainda estou me referindo à colocação da produção) GRANDE BATALHADOR; maneira de se dizer a verdade.

10 — Magnética

e

Alta matemática na cama-casal

Ele 1: Risque a cédula como ud. quiser.

Eu voto:

Mezquindad A FAVOR CONTRA

Estrechez

Provincianidad

.....

.....

Ele 2: Voto como quiser.

11 — No momento em que pronuncio este discurso estou tremendo e vibrando: Estou mais empenhado na campanha do que no resultado.

12 — Faixa de propaganda eleitoral: Não permita terceiros; A Rede de Energia é entre eu e Ud.

13 — Planteamiento de Cuestiones é aussi auto-referente. As beredas se vifurcam.

Planteamiento de Cuestiones — I

Balneário Bahia e Obras Escolhidas — II

Anexo Montanha Mágica — romance teresopoteutão — III

Teste —

Caixa com múltiplas modalidades de armar mas uma é superior.
verdadeira
plena
perfeita

QUAL?

?

14 — Você tem medo do peso do texto do drama?

Leitor, existiu mudança de comportamento no seu Sistema Nervoso de armar as coisas após a leitura dos supra e dos infra?

ReXistira?

LEI
MOMENTO
UR
ABSOLUTO
DISSOLTO

15 — Não são textos corridos a que agreguei meros elementos de ilustração ou elementos gráficos (fotos, cartões postais, o crescendo de onde a onda ondeou até voe para as praias do norte, Caligrama de Apollinaire, desenhos, etc.) mas foram compostos como um passo à frente; como compositio.

Matéria para uma revista.

obras escolhidas

WALY MARINHEIRIN DA CAJA - (alma lírica paquidémica)

BALNEÁRIO BAHIA



to
and
o MAR
and



MANGA ROSA

BODAS NA BAHIA



No verão a Bahia é habitada pelos deuses como Tipasa e Eu mourejaiva, Fedayin — FA-TAL —, como os habitantes de Argel nas praças / Manhã tarde noite madrugada.

BODAS DE SOL



Os burgueses fanáticos pela ordem são mortos a tiros nas sacadas de suas janelas por bandos de soldados embriagados. (Plano extraído do livro 18 Brumário)

DIA

ReEDUCAÇÃO SENTIMENTAL

NOITE

GENGIBRE



O céu azul é mais azul / Mar / praia / talhe elegante da palmeira / Sol nas palmas dos coqueiros / Banho de rio na aldeia / (Rio cor de ouro). / Morenos / morenas. / A cor morena vale ouro. Arembepe Verão 72

MANGABA



Do alto da roda gigante / Lindo povo / Barracas iluminadas / E a nave do trio elétrico / Festa de largo Bahia Verão 72

AS PALAVRAS E AS COISAS

Poeta lezo caduco do deserto / (Palmas do alto do coqueiraí) / Sou um caso perdido / Poeta é uma coisa minúscula

LIVROS DE CONTOS

Alma emputecida
Sombra esquisita
Se esquivia

NOSSOS MODERNOS TEMPEROS SÃO QUEIRA-SE OU NÃO FALSIFICADOS

ONDE A ONDA ONDEOU
ESTRELAS

FLY TO THE MOON
FLY TO THE SUN
FLY TO THE SEA
VOE PARA AS PRAIAS DO NORTE

PALMEIRAS BRAVAS



Vida inteira / Ficar bolando agarrado ao tronco do coqueiro /
caído à flor d'água do rio Arembepe Verão 72

AZUL

ESMERALDA

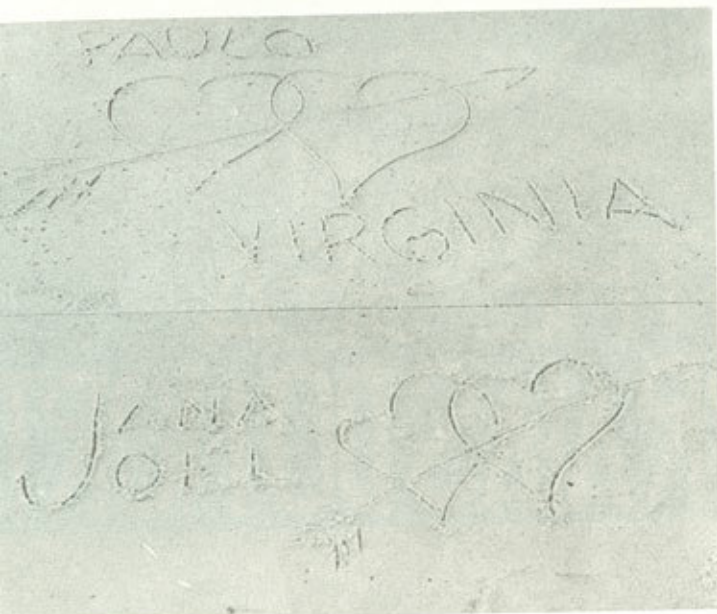
OCEANO

VERDE

SAFIRA

TOPAZIO

CONHO OCEANICO - Que esta página retenha a abóbada estelar.



Hoje escrevi na areia:
Paulo Virginia

Arembepe Verão 72



Céu sem nuvens / Sentados / mãos entrelaçadas / Olham saia de rendas / que o mar sobre a areia borda desborda torna a bordar. / Talhe elegante da palmeira. / Ela chupa o bico do peito dele. Arembepe Verão 72

le der
M
O
HI
nier des
CANS

O ÚLTIMO DOS MOICANOS

(HOMMAGE: Pierrot Le Fou — le plus beau film du cinema)



Em cima do monte formado de areia e raiz de coqueiro cortado, o último dos moicanos proclama: — Paul et Virginie sont encore vivants. Arembepe Verão 72

BAHIA ON MY MIND
CASA - AS - TRA-

BA NA CUCA
DIPLOMATA DE AMARALINA

PLATERO E EU

Ontem à noite acordamos com Gabinete — jogue do vendedor de cocos — cozinha a dentro futucando as painéis. ENXOTE. Arembepe Verão 72.

A VITÓRIA DO PIMPINELA ESCARLATE

A prima chamava-se José Bolinha / O pimpinela levou a prima pra fazenda e sentou-lhe o ovo.

VERDES MARES DE PESCA LTDA. — ESCRITÓRIO

EMÍLIO OU DA EDUCAÇÃO

Garoto
Você é meu
Garoto
Você mora no meu coração
Garoto
Quanto tiver condições
Quero morar com você
Garoto.

ÍNDICE BIBLIOGRÁFICO

Nome do livro do poeta baiano:
ELESBON - a planta que cura loucura.

MANUSCRITOS ECONÔMICO-FILOSÓFICOS

Preciso de muito dinheiro
Sonho ir pra New York
Não tenho dinheiro
(1844)

JARDIM DE ALAH



EMBRIAGUEZ/ cesto de cajú/ claro de luna/ olor de jasmim/ teto de estrelas.
Recostado nas almofadas, ouve leitura da ata de reunião da célula
Tupinambá guerreiro
Rei da Turquia
Pisa no chão devagar
Que a noite está
Que é um dia

EDEN — ARABIE

FOTO DO FLUMEN FLAMEJAN



Artista ouriçado do Rio Vermelho:
Redução abaianada do jaleco escarlate do Gauthier.

Pousada da Praia Verão 72.

A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos.

(Faixa extraída do 18 Brumário.)

SOTERÓPOLIS CAP. 72 - EM FLAGRANTE

NOVA BAHIA

TREMENDO
TRECETÊ

NOVA BAHIA

E, no mais, poesia é o axial:

HORAS IGNEAS

Eu sorvo o haxixe do estio

ANEXO montanha mágica - romance teresopoteutão

(Esta narração de viagem não pode ser adquirida separadamente do Balneário Bahia e Obras Escolhidas.)



Lareira/ a madeira crepita na lareira.
Tremores da burguesia no frigorífico da serra.
— As cigarras cantam até estoirar no verão.
— Cobrir os gramados bem tratados verdes com o sangue das tragédias passionais dos jornais populares, com o sangue vermelho dos animais.

CONFEITARIA MARSEILLAISE - DOCES E ROCAMBOLES

Caçadas
Experimentados no manejo de armas de fogo 3 filhotes infantis da burguesia empunham arma/ 1 empunha revólver/ 2 empunham espingardas.
O aereo esmaga folhas de eucalipto de encontro ao nariz enquanto de noite sonhei com um batalhão policial me exigindo identificação/ revistaram a maloca do fundo do meu bolso/ mostrei babilaques/ me entreguei descontento pero calmamente/ nada foi encontrado que incriminasse o detido no boletim de averiguações depois de batido telex pra todas delegacias.
Vadiagem.



PICKWICK TEA

(cenas da vida teresopolitana, petropolitana, friburguense, itaipavense)
A mãe comenta o Inferno de Dante.
A moça quinze anos lê o roman La Charteuse de Parma. Fala de Balzac aussi como servindo para descrições de paisagens e ambientes de baile. Narra as aventuras pelo impossível de Candide et Zadig. Thomas Mann na estante. Michelet écolier.

Quand le maitre parle j'écoute/ le sac qui pend a mon epaule dit que je suis un bon garçon.

MATERIALISMO HISTÓRICO E PSICANÁLISE

As duas filhas familia comentam as suas sessões de análise. Uma delas vai pra Inglaterra prosseguir análise com o analista — (do-lo do seu pai).
A outra fala dos rapazes que frequentam as sessões drogados e que portanto não podem ter seus problemas resolvidos.

GOOD — MORNING

BELA
FLOR
TERESOPOLITANA

FLOR
DE
TERESÓPOLIS

Amante Mellors, o guarda-caça, sentado no tronco de madeira que era a ponte sobre a corredeira enquanto ela se esgueirava, vindo, beirando a cerca viva.
(Em derredor, dalias esplendiam.)

VÁMPIRO DE ENCRUZILHADA

O filho poeta desgosto da esposa mãe e do marido pai
Órfão
Órfão
— Ó corações semelhantes, minha alma NECESSITA dos grandes espaços.

ARVO
RAOV
OVAR
VOAR
VOAR

Me sentia em casa quando via vermelho vivo na cor da barraca. Passei pela roda gigante. Minha subida era uma robinsonada. Sobre os regatos, remansosos narcisos. Cheiro de narciso dos regatos — lírios do Vale e da montanha.



Como Luluzinha colhíamos amoras nos campos.

ANÁLISE DO CARÁTER

Capítulo Volúpia da Carne
Série Grandes Vidas
A viúva mãe no quarto da herdade se imaginava Catarina da Rússia, a Grande, que paparicou tantos e tantos e tantos machos e prevaricou até o fim da vida.

Eu pensava na búsqueda do Vale do Paradiso — VITA NUOVA — Montei num 14 BIS — MAIS PESADO QUE O AR. Sem pai ORPHEU nem mãe

VIA

INFERNO
PURGATÓRIO
PARADISO

INDÍCIOS
DE
OIRO

XIII em diante

Tenho fome de me tornar em tudo que não sou tenho fome de fiction ficciones fictionarios tenho fome das friccões de ser contra ser tudo que não sou ser de encontro a outro ser tenho fome do abraço de me tornar o outro em tudo que não sou me tornar o outro em tudo me tornar o outro a outra doutro doutra em tudo em tudo que não sou me tornar o outro de me me tornar não o nome distinto o outro distinguido por um nome distinto do meu nome distinto tenho fome de me tornar no que se esconde sob o nome embaixo do nome no subsolo do nome o sob nome o sob-nome e por uma fresta num abraço contíguo penetra passa a habitar o fictionario que me tornei em tudo que feixe de não fixas ficciones sou em tudo por tudo por uma fresta de tudo por uma fresta tudo se fixa por uma toda por uma toda fresta as fixações penetram passam a habitar o fictionario que me habituei em ME me Me tornar tudo todo o TUDO personas personagens baile de máscaras reais que pessoas que penetram que pessoas penetram pelas frestas e num abraço contínuo se casam fazem casa e se inscrevem e se incrustam máscaras moluscas no meu rosto me tornar numa escala crescente milesimal centesimal decimal inteira a face dum baile de máscaras reais vir a ser este fictionario que não sou me casar que ainda ainda AINDA que não sou e que sou sempre sempre quando quando sempre tenho fome qual a escala crescente ou decrescente pra saber se um milésimo centésimo décimo inteiro todo ou fração todo meu fictionário ser se revelou no abraço contínuo contíguo em que se desvelou tornar tudo tenho fome de me tenho fome de de de tornar EM tudo que não sou EU esta pessoa que está aqui falando na primeira pessoa eu do singular esta pessoa singular que sou eu pronome pessoal irredutível enquanto pronome mas que mas que mas que se esconde se expande se estende sob o embaixo do no sub solo do pronome eu pessoal irredutível e é qualquer coisa além aquém qualquer alter outrem outra coisa além aquém alter outrem que mora no subsolo do pronome pessoal eu um sob pronome eu pessoal eu um sob-pronome qualquer dia deste eu uní sob pronome qualquer dia destes eu qualquer dia destes passo pra te ver gosto de você de te como você nem imagina nem fictiona nem funciona seu teu fictionario pra imaginar e é uma alegria muito grande não tenho de que me queixar é uma alegria muito grande estar aqui entre pessoas boníssimas é uma alegria muito grande conviver com vocês todos neste dado neste dia dado em que uso da palavra pra me dirigir em agradecimento a todas as pessoas boníssimas boníssimas que me acolhem sempre na maior alegria me acolhem me aquecem é uma grande alegria é uma alegria muito grande não tenho do que me queixar é uma alegria muito estar aqui fruindo entre pessoas boníssimas melhor dizendo boníssimas neste dado neste dia dado em que uso tenho o que não sou para meu uso e com o mesmo fuso fundo de fundar fundo de fundar fundo de fundir e com o mesmo fuso fundo a fome e a saciez num mesmo uso eu fundo e não sou tudo que uso tenho fome de me tornar tenho fome de me tenho fome de tenho fome tenho um funditionario fundicionario fruicionario confitionario friccionario e das friccões da fiction que sou com a fiction que não sou me aqueço me aquece me da calor me acalece mas que fiction sou e que fiction não sou se me componho do que fundo do que se funde do fundido do confundido se o que não sou é uma composição que compunge que tenho fome me compunge o que não sou e é uma grande alegria quando quando me tornar o que não sou e o NÃO e o negro e o negativo e a noite e o vir a ser e o me tornar e o me tornar e o me tornar e o futuro e o passado e o perdido fundido no presente deste dia dado que toco e deste dia dado que me toca tenho de me tornar em tudo que toco e o que me toca deste dia dado e nada nada nada — pode deixar passar de leve o vento por entre as frestas dos meus dedos que posso deixar passar de leve o vento por entre as frestas dos seus dedos que nada se esconde sob o nome da palavra NADA nada nada — os passos





*Walli Sailormoon
resolveu
assumir a sua
loucura e
lançou o livro
"Me Segura Que eu
Vou Dar um Troço".
Walli diz
ser o nosso
Scott Fitzgerald.*

NA ESFERA DA PRODUÇÃO DE SI MESMO



SAILORMOON

está dando um troço

O primeiro lançamento foi no apartamento de Eurico e Helô Amado, reunindo Luis Carlos Maciel, o poeta Chacal, artistas de todas as áreas, a alta sociedade e jornalistas. O segundo será na Sucata, numa festa chamada Se Segura Malandro, tendo como patronesses Pink Wainer e Sonia Dias. Tudo para celebrar o livro de Waly Sailormoon, *Me Segura Que eu vou dar um Troço*, que está aparecendo esta semana em todas as bancas de jornais. É o primeiro livro da coleção Na Corda Bamba, da editora José Alvaro, que prosseguirá com trabalhos de Antonio Bivar, Maciel, Jorge Meutner, Rose Marie Muraro e "toda a área que, por facilidade de expressão, a gente pode designar de contracultural".

— O meu livro andava encachado em diversas editoras, então eu e o Capinam organizamos esta coleção, certamente uma pólvora, o Hélio Pólvora pode não gostar, mas nesta época de festas juninas o meu livro se aproxima dos Fogos Caramura: não dá xabu. É que determinadas áreas da cultura brasileira não suportam o que existe de tecnicamente desenvolvido, elétrico, moderno, no meu trabalho; eles preferem me manter como ingênuo, bom baiano, eu que sou quase carioca, como nos versos da ilustre Marta Rocha: "Rio meu querido / é o meu coração que me diz / muito comovido pois jamais me senti tão feliz / tu sabes que eu sou baiana / baiana que não se troca / mas mais pra cá, mais pra lá / já sou quase carioca".

A LOUCURA ASSUMIDA

— Mas eu não dou nenhuma importância a estas áreas culturais, porque as pessoas que me interessam são aquelas como o Rogério Duarte, que assumem integralmente a sua loucura, pessoas em constante mutação — como eu mesmo, que sou capitão de cargueiro, que sente como quem olha e pensa como quem anda. Sou uma pessoa que recusa trabalho penoso, tento cumprir os manuscritos econômicos, filosóficos, utópicos, de 44. E ao mesmo tempo, supero a boemia intelectual da época (o mal da época) tentando assumir a responsabilidade com a minha produção, percebendo os seus limites, o tacanhamento dos editores e todos os etcéteras.

— Neste Rio de Galeria Jerez — Bares que não me enganam, siris e sangrias — me sinto o Scott Fitzgerald, com muitas Zeldas e Zeldos numa retardada era de jazz. No meio disso tudo não tenho nenhuma vaidade cabotina, um empoçamento acadêmico pela saída do meu livro, como se agora eu me tivesse inscrito na bela literatura brasileira, ou em qualquer uma das glórias provincianas — a saída do meu livro em si não significa nada, se não representar um passo à frente no movimento de superação do quadro subdesenvolvido local.

— O *Me segura que eu vou dar um Troço* sairá logo numa edição espanhola, com o nome de *Recuerdos de un Pobre Otario*, pela Ediciones Contracultura, de Buenos Aires; a edição foi transada pela rainha do underground argentino, Mercedes Rubirosa. Para fins de julho, virá a *Navilouca* revista organizada por mim e o Torquato Neto, um almanaque dos aqualoucos, numa primeira edição única. Não queremos fazer uma revista que fique na dependência da continuidade, como aconteceu com *Bondinho*, *Presença* e *Flor do Mal*. Com organização gráfica de Luciano Figueiredo e Oscar Ramos, já contamos com o material de Hélio Oiticica, Duda, Jorge Salomão, Rogério Duarte, Chacal, Augusto e Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Ivan Cardoso e Luís Otávio Pimentel. A minha matéria para a revista ultrapassa em alguns pontos as minhas experiências do livro. Não foi por acaso que Hélio Oiticica já assinou num artigo from New York, que uma parte significativa do meu trabalho se chama ALFA-ALFAVELA-VILLE, que integra um fragmento da minha matéria da *Navilouca*.

PARA AS NOVAS GERAÇÕES

— O meu outro livro, *Na Esfera da produção de si Mesmo*, está sendo feito, vou transar com a editora que me possibilite que o livro seja uma idéia mais moderna do que o texto corrido — uma galeria de waletes, de fotos. Existe nele um lado ibérico — confissões autorais, um prosseguimento das lamentações de San Juan de la Cruz — e um lado americano, que será pensado como um produto, com as galerias das minhas super-

stars, como Luciana de Moraes, Pink Wainer, Siboney, Maria Guilhermina e outros componentes do beatiful people, pessoas para as quais se dirige hoje a minha produção, o meu esforço produtivo. Vem inclusive escrito na orelha do livro: "alimento / incremento pras novas gerações".

— Dos "meus planos para o futuro" o mais remoto é uma *Jogralesca*, uma oralização, uma teatralização de textos, uma forma extra-livresca que será feita por mim, Capinam, Jorge Salomão, Rogério Duarte e Chacal, com trabalhos nossos e de outros poetas (*Waly* exemplifica dizendo *Jogão Turístico de Recife*, imitando a voz de João Cabral de Melo Neto). Mas há planos que estão pra aparecer agora; eu e Ednisio Ribeiro vamos lançar, em São Paulo, uma tiragem inicial de mil *Silk-Screems*, chamados *Aremebe Nation* — cinco fotos de nós dois em *Aremebe* de rosto colado, chocando o inconsciente machista brasileiro. De texto há somente duas faixas, *Aremebe Nation* e *Barravento 72*, como se fosse a indicação da data e local.

— Eu já me senti um letrista realizado, com a minha obra encerrada em alguns poucos e bons volumes interpretados por Gal. Mas foi só a Maria Bethania me pedir uma letra para o seu novo disco, pra me sentir incitado novamente a trabalhar com o Macalé. Fizemos para a Bethania o *Anjo Exterminado*, já compomos também *O Senhor dos Sábados*; ontem escrevi *Rua Real Grandeza pra ser musicalizada*: "ah, vale a pena ser poeta / escutar você torcer de volta / a chave na fechadura da porta / abra volte veja / sou um cara sem saída / mas não se iluda / com esta minha vida / toda vez que avisto / sua figura leviana / no pórtico do quarto / penso em dar um corte / em quem me embroma / sou forte / abra volte / veja se me entende e me ama / desde o berço / conservo o mesmo endereço / moro na Rua Real Grandeza / abra / abra a porta / volte veja / você não me engana / sozinho sem amor sem carinho / não digo com certeza / mas posso me arruinar / veja / jatos de sangue... / espetáculos de beleza / ah, vale a pena ser poeta / escutar você torcer de volta / a chave na fechadura da porta.



V

os passos

leves

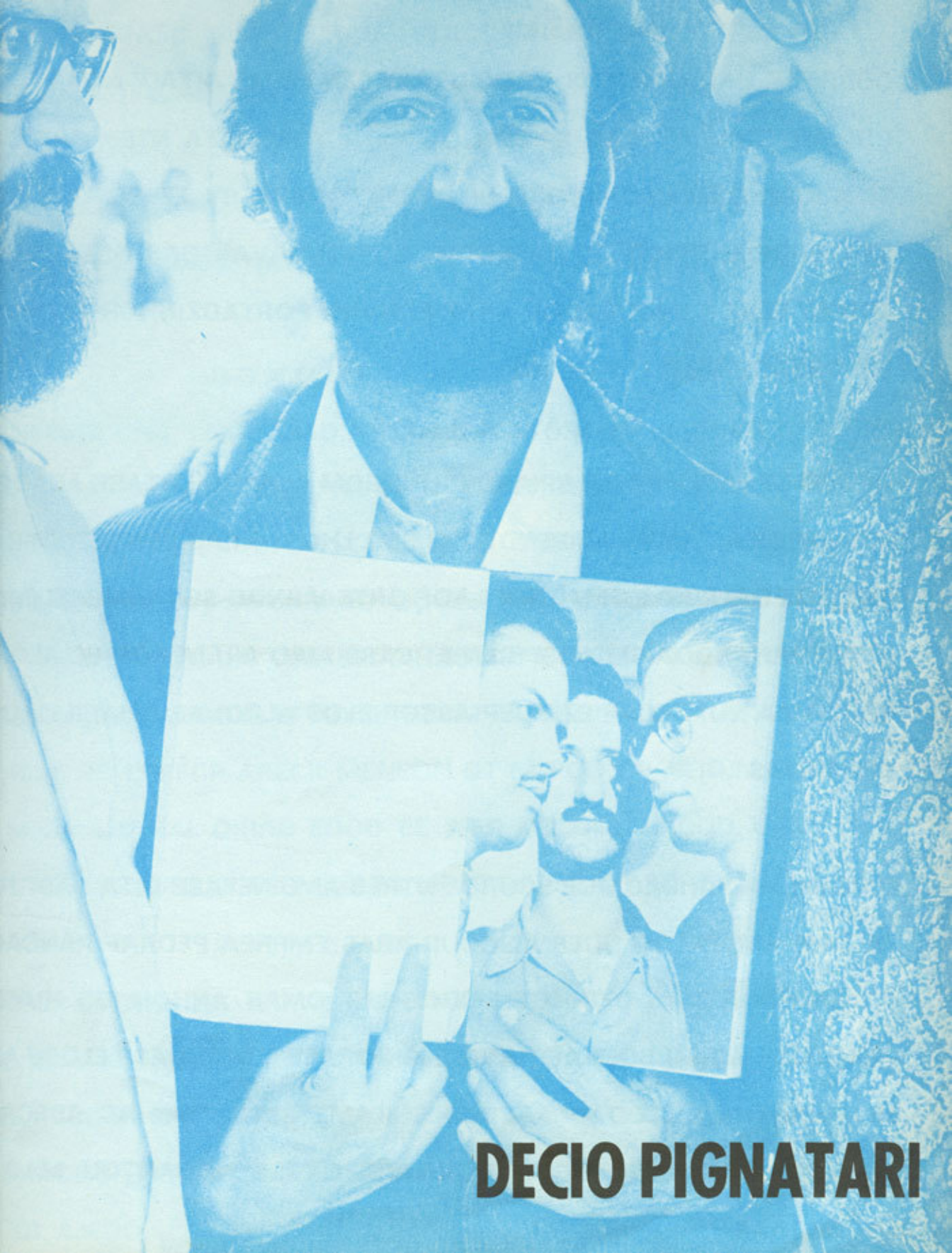
do

vento

os passos leves do vento

por entre

nos interstícios



DECIO PIGNATARI

PHÁNERON, I

CORREUN UAC ORR/EUS UBOO UTRAV EZN ESSAC AIXAD' ÁGUA A TÉO SA
COL ANTEJOULAF RIAO SP ÉSN OL IMOA VOZD ISTA NTEP ORT ODOO
SL ADOSD OSQ UADRADOSD EC IMEN/TODASA SV EZESQ UEP ONHOO
SP ÉSN OS ILÊNCIOD OC ORREDORE ST RONDAVAN OSC OSTADOSO QUI
LOD EF ERROP ENDURADOP ARAF ECHARO PORTÃOZINHOR ECORTADON
OP ORTÃOE DOO UTROL AD

S O L A C R E P E

OF IMD ET ÚNELV INHAE SPIARO CILINDROM ALHADOE ATARR ACADOD OC
ACHORROP ASSOCAL AMBENDOP ELOSO LHOSJ ACAR ÉSA BEIÇORRAP EN
DENTED EG ELÉIAD EA M/OLHAT ÆOF ORTE V ENDO-SEN UAE MM IMQ UEF
ICOUA BANANDOA SM AOSF REN ÉTICASS AIAD AÍU MN ÓD EC ALORS AN
GROU-MEA NU/CADAV EZQ UEP ASSOP ELOS ALÃOI AE SPIARP ORU MAD
ASP ORTAS

T Á P I A

D OC INEMA SCHÍNION OE SCUROE NTREB AMBINELASP INTA DASF RANJA
SA ZULE AMARELOO NDEF AISCOUP ARAS EMPREA PEDRAF RANCAD OM
E/DOMINGOA ZULS OZINHOT ÉPIDOE LAT OMAB ANHON OC HUVEIROS
OBA CAIXAM ASO SOLJ ÁE RAMS E ISH ORASE NTRANDASP ELOSV AZADO
SE MC RUZN OA LTOD AP AREDEO SCILAME CINTILAMN AC ABEÇÃO SP
AGODESD EE SPU MAE MC AMPÂNULARS OXASE NQUANTOU MAQ UEO
UTRAP ERAS

F A Y W R A Y

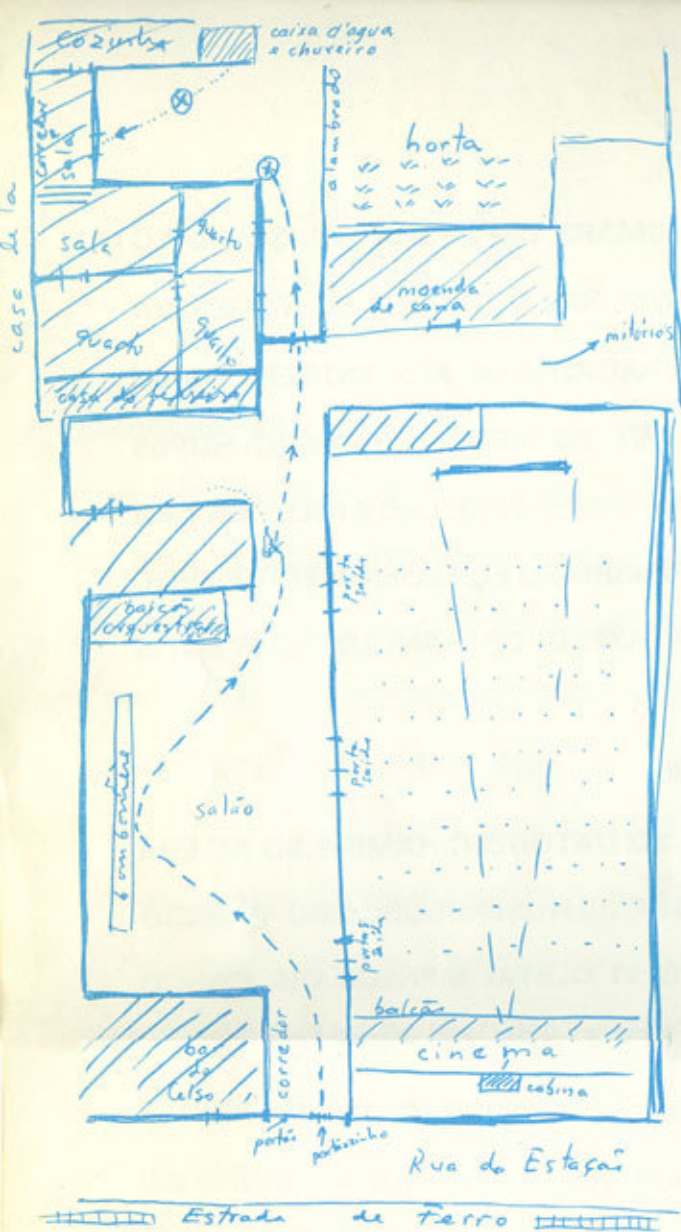
USTENTAVAO CHEIROD OV ERÄON OP OMARS USPENSON OC ISC OD EO
UROD AC ALMAS OL/ARD EG ULOSOÉ OM EUN OC ADENT EV AZIOE QUA
NDO AT ESOURASD EM ADEIRASE STRAÇALHARA MO ESTRÉPITOD EU
MAP EDRAN OZ INCAMEE UE STAVAD IANT ED AB OMBONNIÉRC HUPES
TAD EC HOCOLATEL ICORP APÉISP RATAV ERDEV ERMELHOV IOLETAM ARA
VILHAE NTRET RIZESD EP URPURINAE FÍMBRIASD EC ELOFA/NEMT ENHOC
ORAGEMD ER EOLHARM UITOO SC ARTAZESD OF RANQUISTÉMS ENTIS
EDE

R O N Q U E I R A

E MIJANEIRAV OUA TÉA CASAD AT IAA SQ UATORZEC HAMINÉ SD AC ERÄ
MICAD EO SASCOD OO UTROL ADOD OST RILHOSO BELISCAMO PARADO
C OBREL ARANJAD AR ARDED EIXANDOO VI OLETAI MPREGNARA CORCO
VAD OJ ARAGUÁE EUE MPURRARO OC REV ELHOD OP OR/TÁOS OLTOD
EM IMV OUE RGUENDOA SCA BECINHASD EM INERVAQ UEP RENDEMA
SV ENEZIANASQ UANDO M EP UXEIP ELAM ÄOE SQUERDAN AQ UINAD AS
AE BÓRISK AR LOFFIIP ARECII MENSON OT EMPOD OP ÁTIO:M ECHAV IR
GULA NDOO LHEIRAL OIRAD EDOD EE SPUMAN OU MBIGOD UASU NHA
DASD EV ERDED USASP ONTASD EA MENDOIME MC ASCAE NRIJ

P A P E L O T E

ANDOO SP EINTINHOSO CORTEM ENINAC OMON OF LANCOD EU M P ÊS
SEGOU MAV AGAI MPINGEMR OSADAE NVOLVENDOA QUELEA RC ORPOQ
UEO SB RAÇOSA GI/TAMBÉMU MC HEIROD EE RVAD OCEE FRUTASA BERT
ASQ UANDOO LHEIA SP EGAD ASM OLHADAS E MD IAGONALN OQ UENTEF
OFOD OL AJEDO.



1. Mapa de ocorrência do Pháneron.



2. Ela, pivô do Pháneron (1937).



3. Ele, quando absorveu o Pháneron.



4. Ele, quando registrou o Pháneron (1954)



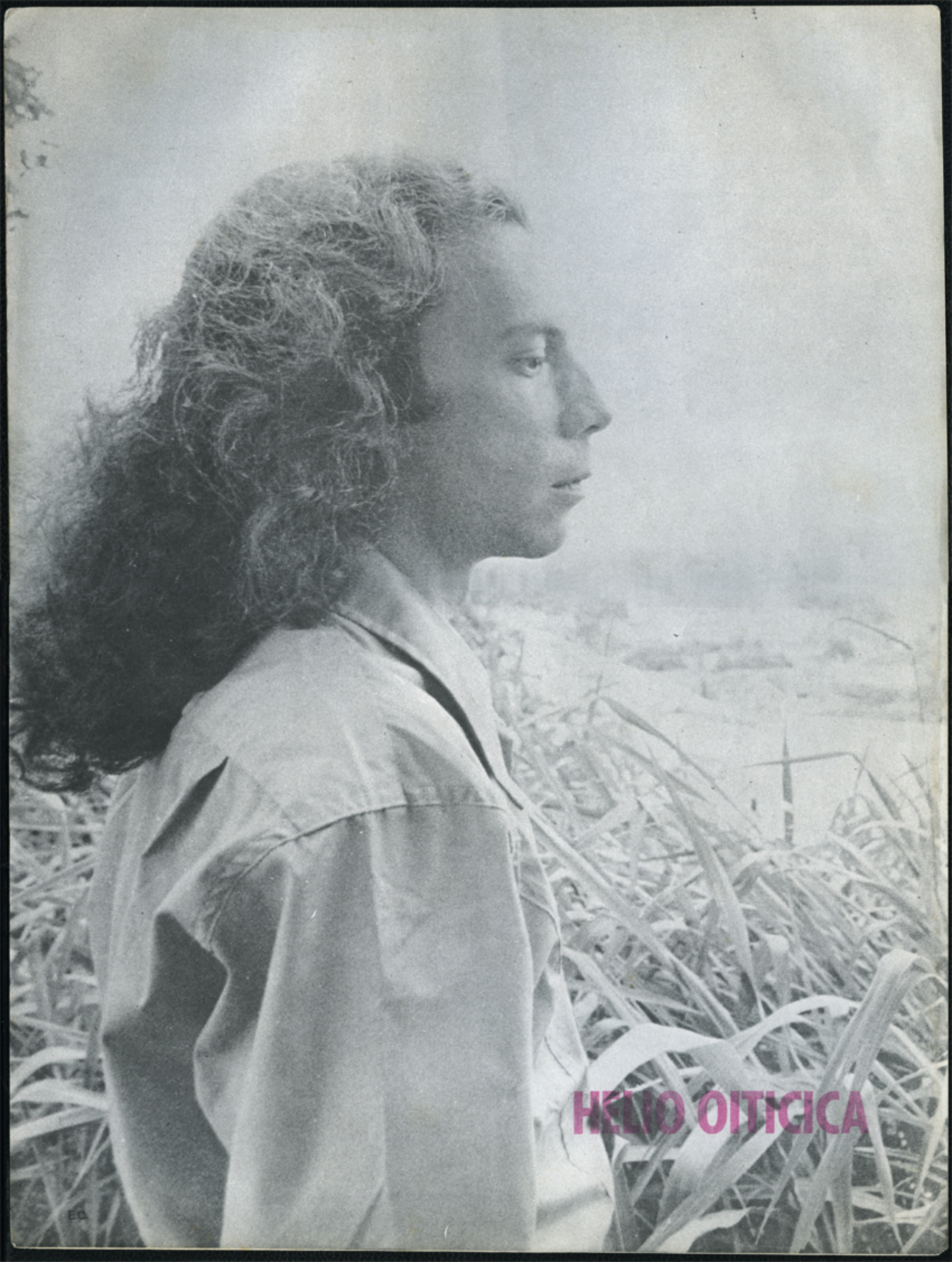
5. Ele, quando refaz o Pháneron (1972).



SINUCA

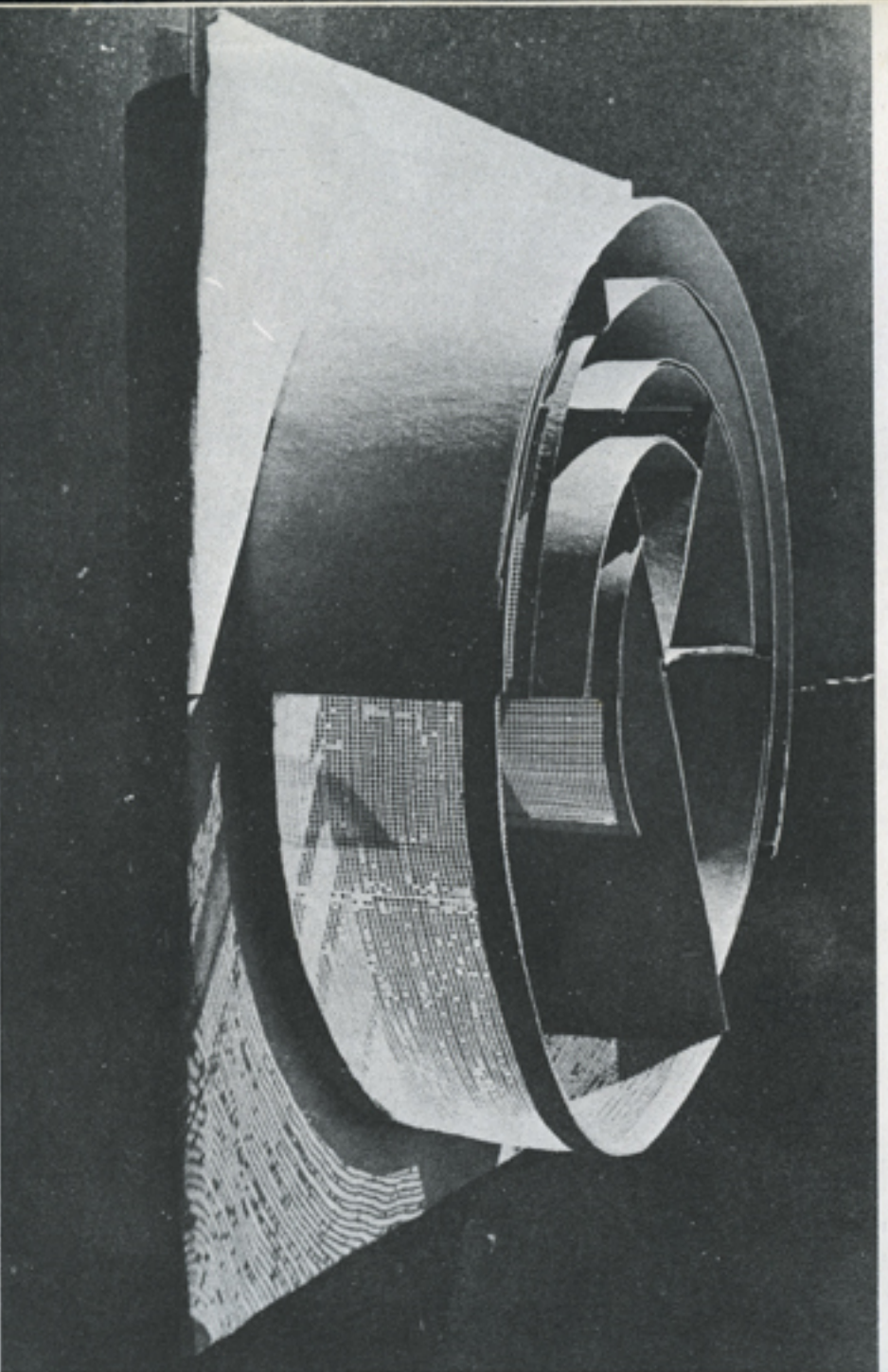
AS DIVERSÕES
MAIS BARATAS
DA CIDADE

DUDA



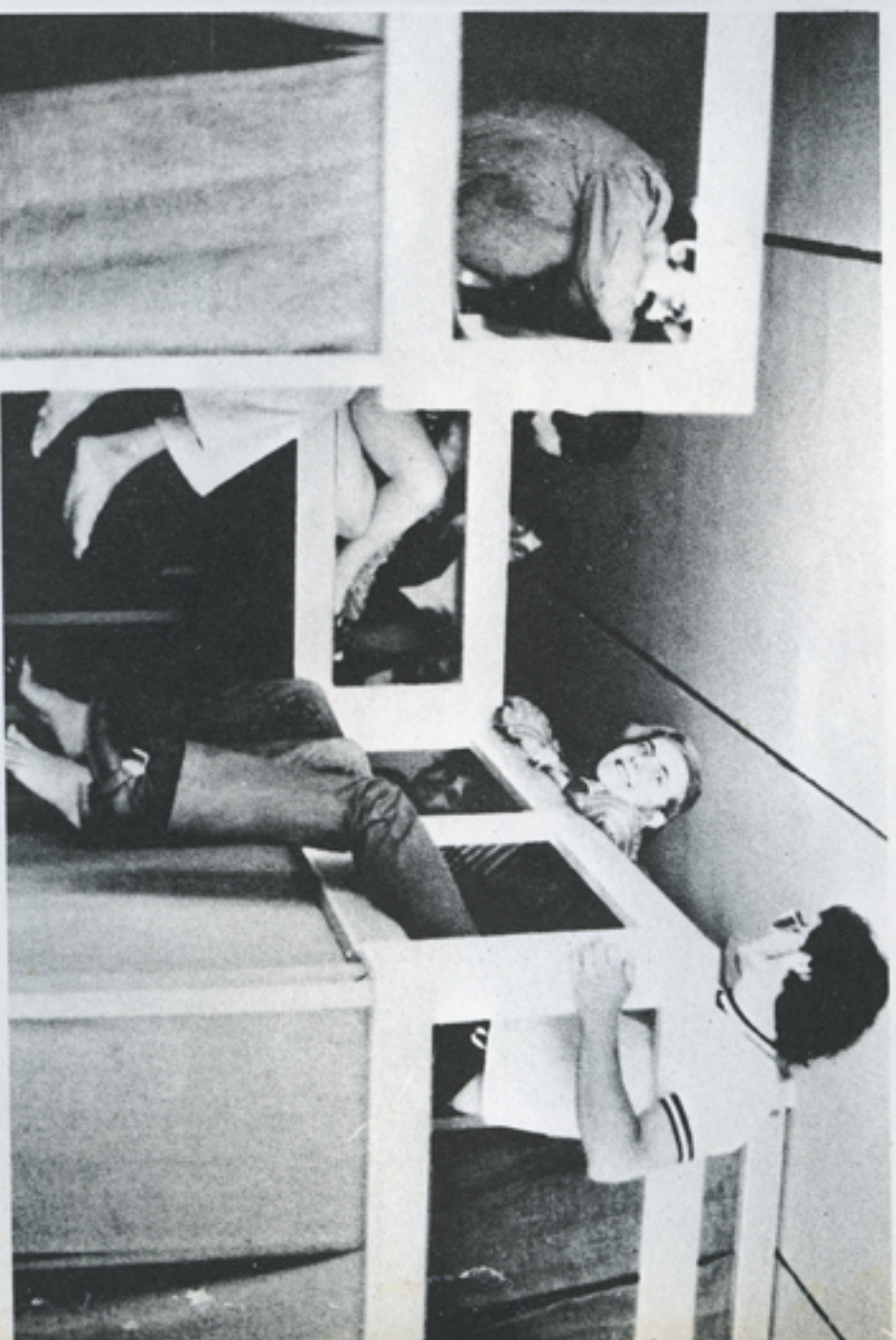
HELIO OITICICA

HELIO OITICIGA ETAPAS DO EXPERIMENTAL EXPERIMENTADO



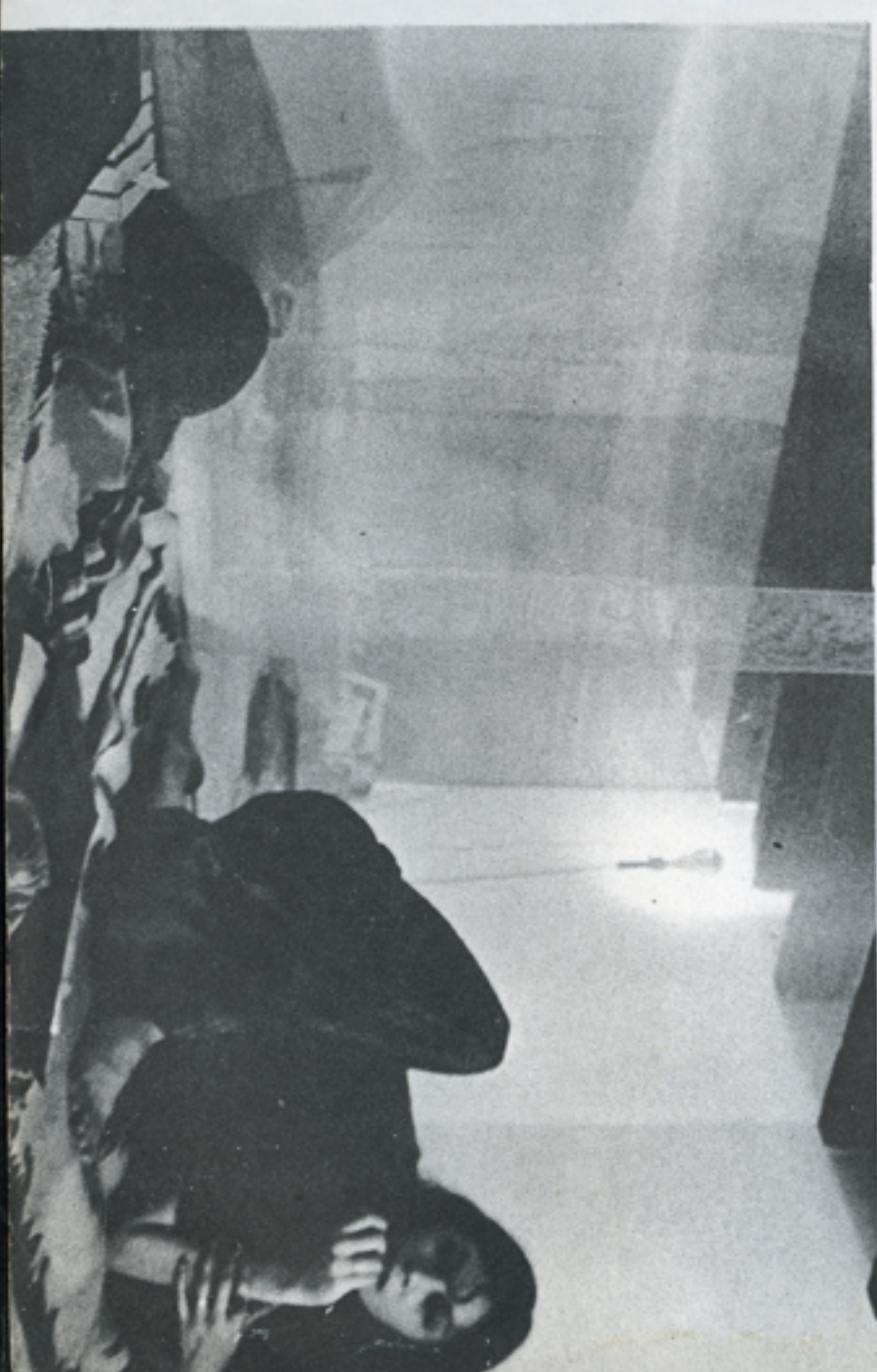
I — PN 15 maquette: projeto para PENETRÁVEL AUTO-TEATRO NEW YORK 1971 crédito de foto: MIGUEL RIO BRANCO.

III — com estudantes experiência RHODISLANDIA dezembro 1972 UNIVERSIDADE DE RHODE ISLAND, KINGSTON RI. foto: H. OITICIGA



II — o PLAY como fundamental: nos NINHOS na INFORMATION no MUSEU DE ARTE MODERNA DE NEW YORK verão 1970.

IV — experiência do não-formulado: BABYLONESTS a partir de fevereiro de 1971 em NEW YORK, 81 2ND AVE. foto: MIGUEL RIO BRANCO



EXPERIMENTAR O EXPERIMENTAL

sentença de morte para a pintura começou quando o processo de assumir o experimental começou

durante década começando de 59 minha obra passou a assumir o experimental

conceitos de pintura escultura obra (de arte) acabada display contemplação linearidade desintegraram-se simultaneamente

existe em 72 algum pintor importante q haja assumido o experimental no canvas-moldura na aspiração mural ambiental espacial

não conheço

no brasil país sem memória mataborrão das diluições muito se passou depois da fenomenal década 50 na 60: nada foi absorvido

crises dos problemas extremos da pintura nos avassalaram problemas-limite de sólida importância

não quero fazer história

quero falar de como bilaterais deram em núcleos penetráveis bólides PARANGOLÉ meu programa: minha sem tempo descoberta do corpo proposição coletiva tudo em meio à indiferença dos artistas do dia

foi enjeitado rejeitado

em 72 PARANGOLÉ me dá alegria parece tão claro novo como parecem claros novos CONCRETOS de são paulo NÃO OBJETO rio coisas-gente daqui dali esquecidos nos vai-vens das "artes"

artes q são mortos equívocos cineastas artistas poetas q envelheceram

ri melhor quem ri por último: competição de "criadores de obras"

pintura escultura arte (obra &tc.) não de continuar na área competitiva (até bolsa de arte já temos) mas q têm a ver com assumir o experimental

talento potencial individuais são logo diluídos no dia-a-dia competitivo q estanca o experimental

brasil-babel q há de novo sob o novo

quem é inventor sente-se novo é novo metavanguarda ri do sério da série não tá na linha o bonde já passou

não me interessam talentos estou farto de querer achar o novo no vestido de novo

talentos q pintam desenham gravam CONSERVAM q não querem adiam evitam o experimental

o exercício experimental da liberdade evocado por MARIO PEDROSA não consiste na "criação de obras" mas na iniciativa de assumir o experimental

pintura passou a ser pet da burguesia conservadora

cachorro bombom e pintura tapete cortina ir ao museu à madison vernissages

o potencial-experimental gerado no brasil é o único anticolonial não-culturalista nos escombros híbridos da "arte brasileira"

tão CONCRETO quanto à sua exportabilidade

voltarão sempre argumentos obscuros dúvidas de autenticidade assuntos remordidos ignorância dos verdadeiros problemas (quais se o coma se estabeleceu no q está à margem do experimental)

GERTRUDE STEIN: Se um som produzido num crescendo de intensidade então pára quantas vezes poderá ser repetido.

o experimental não tem fronteiras pra si mesmo é a metacrítica da "produção de obras" dos artistas de produção

o experimental assume o consumo sem ser consumido indiferente à competição do eu-melhor-q-você das "artes"

no brasil aspiração superficial do artista do dia q aspira galerias expor expor expor currículo estar em dia com o ecletismo mundano

DÉCIO PIGNATARI: A visão de estruturas conduz à antiarte e à vida; a visão de eventos (obras) conduz à arte e ao distanciamento da vida.

produção experimental tem espocado esparsamente no geral da brasileira em pouquíssimos casos é programa

artista brasileiro raramente tem programa são fracos talentos vulneráveis sem opinião

nem entendem porque OSWALD DE ANDRADE diz:
Serafim vai à janela e qual Narciso vê, no espelho das águas, o forte de Copacabana.

nem porque prefiro a caixa de cable staples às chatíssimas atividades artísticas

simpósios exposições ões ões coisas inventadas pra dar lugar aos fracos talentos não-inventivos

YOKO ONO: Quanto à minha arte tenho a dizer: artistas não são creativos. Que mais se desejaria criar? Tudo já está aqui. Detesto artistas que dizem que sua arte é creativa. Chamo este tipo de arte de "peido" Esses artistas q constroem um pedaço de escultura e o chamam de arte não passam de narcisistas... Criar não é a tarefa do artista. Sua tarefa é a de mudar o valor das coisas.

todo mundo sabe q sol é sol

mas o problema não é só da pintura escultura arte produção de obras mas da representação

de todos os re
não confundir reviver com retomar



arte brasileira parece condenada ao eterno revival de terceira categoria

o experimental pode retomar nunca reviver

invenção não se coaduna com imitação: simples mas é bom lembrar

MARSHALL MCLUHAN: De qualquer modo na arte experimental, exatas especificações da violência iminente são dadas às psiquês de cada um pelos seus próprios contra-irritantes ou tecnologia. Pois as partes de nós mesmos investidas em novas invenções são tentativas de contrapor ou neutralizar pressões coletivas ou irritações. Mas o contra-irritante em geral prova ser de maior dano que o irritante inicial, como um hábito de droga. E é aqui que o artista pode nos mostrar como "ir com o soco" em vez de "levá-lo na cara". Só podemos constatar que a história humana é um recorde de "levá-lo na cara". ... Enquanto adotarmos a atitude de Narciso de ver as extensões de nossos corpos como realmente lá fora e de verdade independente de nos, teremos que enfrentar todos os desafios tecnológicos com o escorregão tonto e o colapso de sempre.

JOHN CAGE: Objeções são freqüentemente feitas por compositores ao uso do termo experimental para designação de suas obras, pois é tido como certo que experimentos são etapas que precedem medidas tomadas com determinação, e que essa determinação é a de saber ter levado, se bem que de modo não-convencional, esses elementos considerados a uma ordenação específica. Essas objeções são claramente justificadas, mas só nos casos, como os da música serial contemporânea, em que permanece a razão de ser de se construir algo dentro dos limites, estrutura e expressão para as quais a atenção está focalizada. Enquanto que, de outro lado, a atenção se move para a observação e audição de muitas coisas ao mesmo tempo, incluindo as que são ambientais — torna-se inclusiva em vez de exclusiva — sem a preocupação de criar estruturas compreensíveis, pode surgir (seríamos turistas), e então a palavra "experimental" é apropriada, não para ser entendida como descritiva de um ato a ser julgado posteriormente em termos de sucesso ou fracasso, mas como um ato cujo resultado é desconhecido. O que foi determinado?

em suma o experimental não é "arte experimental"

os fios soltos do experimental são energias q brotam para um número aberto de possibilidades

no brasil há fios soltos num campo de possibilidades: porque não explorá-los

AGRI

R



M



Manhattan



HELIO OITICICA
repertório 1
LOFT 4

silviano santiago
man (fragmento)

janelas faces vidas
fulanas e sicranas
seclamen ciclâmen
vox amen

(man) o h o m e m
se (hat) protege
d o s o l (tan)

na rocha bichada
cravo na face
chegas
a chaga na face
a face in chaga
harlem
rua 125

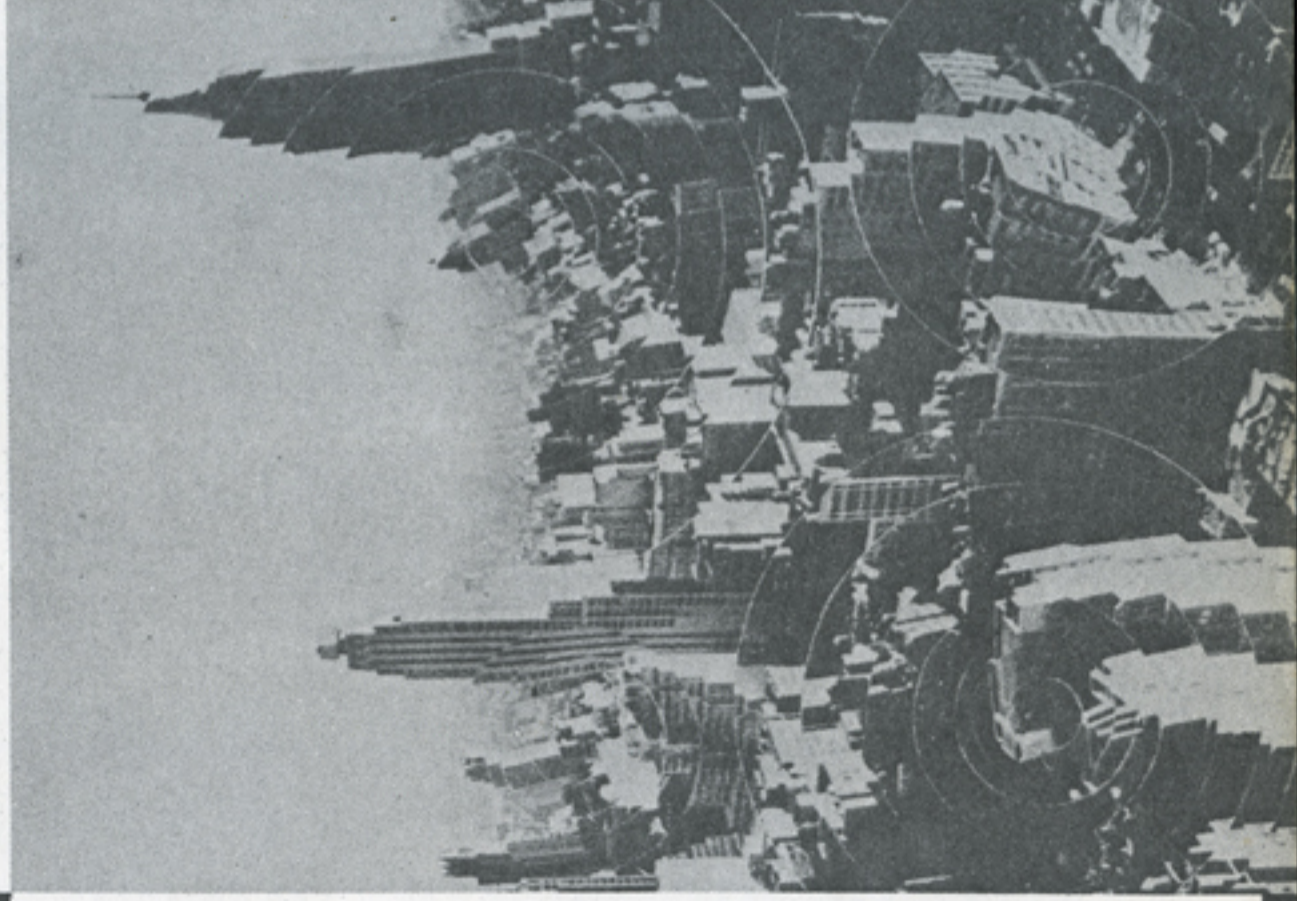
sousândrade : o inferno de wall street
129

(Outros alagados salvando-se na coluna
'666' do templo de KUNZ)

— Agripina é Roma-Manhattan
Em rum e em petróleo a inundar
Herald-o-Nero aceso facho

E borracho ,
Mãe-pátria ensinando a nadar !..

2 - Cinescrição POLBURY Foto SAM FALK



federico garcia lorca : el poeta en nueva york
asesinato
(Dos Voces de madrugada en Riverside Drive)

—¿Cómo fué?
— Una grieta en la mejilla.
! Eso es todo!
Una uña que aprieta el tallo.
Un alfiler que bucea
hasta encontrar las raicillas del grito.
Y el mar deja de moverse.
—¿Cómo, cómo fué?
—Así.
—¿Déjame! ¿ De esa manera?
—Sí.
El corazón salió solo.
—¡AY, ay de mí!





OMAR veste a Capa 24 P31 — PARANGOLÉ
com ideograma ESCREABUTO inscrito.

C A P A 24 P31 — PARANGOLÉ

H.Q.

NOSFERATO

programa — NOSFERATO no primeiro episódio: fica pra sempre deglutido o CINEMA ZDANAVO

AMOR E TARA trailertotal elimina conotações sado-subjetivas q possam ter filmes "eróticos"

é o ANTI-PLAYBOY

o CINEMA ZDANOVO acabou quando sertão favela cachorro criança-mãe foram incorporados

ao ANTI PROVINCIANO

relação entre NOSFERATO e meu PARANGOLÉ: os personagens não são personagens à procura de um ator como as capas não são objetos d'arte: são simultaneidade-protótipos q anulam o conceito de estilo

acabou a época da criação de tipos fixos definidos no cinema

NOSFERATO é cinema sem drama anarrativo

NOSTORQUATO não é performer é NOSTORQUATO

PROTOTÍPICO

DÉCIO PIGNATARI = As mentalidades lineares buscam "resultados" onde eles não podem ser encontrados, pois a estrutura simultânea deslocou suas coordenadas. Procuram tipos quando deveriam buscar protótipos =

HEGEL = Os romanos diferenciavam também essencialmente dos gregos no que diz respeito aos seus jogos públicos. Neles os romanos eram, propriamente dito, espectadores. As representações mímicas e teatrais, a dança, a corrida a pé e a luta corpórea, eram relegados aos escravos libertos, aos gladiadores ou aos criminosos condenados à morte. A suprema degradação de Nero, foi ter-se apresentado publicamente num palco como cantor, tocador de lira e combatente em pugnas. Como os romanos eram só espectadores, essas diversões eram algo estranho a eles; eles não se entregavam a elas com todo seu ser. =

hoje, também no cinema, a relação espectador — obra percebida sofre uma mudança: espectador teveizado absorve por mosaicos: participante no preencher lacunas estruturais q visam esse fim

NOSFERATO super 8 cinema-linguagem antes de mais nada: desacredita performances narrações teatralismos requentados: na SUBTERRÂNIA do super 8 todos são superestrelados ao contrário do velho star-system são protótipos do q devam ser atuações abertas: a ação atua

superstars são paródia do astro sério performer

os episódios são meta-episódios de contínuofluid repetitivo não como algo em-cadeia de episódio fechado mas algo onde repetição é abrir-mão de significados limitados

cinema instrumento cinema

FRITZ LANG diz q em M não mostrava os crimes a nu mas através de indicações como a bola da menina largada correndo o balão subindo enganando nos fios telefônicos pra deixar o ato mesmo de cada assassinato aberto à imaginação

hoje no subterrâneo NOSFERATO super 8 a linguagem-cinema

é instrumento aberto livre de quaisquer exigências narrativas logo desnecessita de artifícios HOLLYWOOD: não é diluição NOUVELLE-VAGUE HOLLYNOVOREALISMO nem UNDERGROUND AMERICANO como querem insinuar: o sentido de humor paródia grotesco das situações-episódios são unicamente brasileiras: longe de preocupações subjetivas: longe da busca de significados característica dos americanos (salvo alguns) ou dos europeus

HAROLDO DE CAMPOS = NOSFERATO NOSTORQUATO nada tem de vampiro alemão expressionista imponente todo-poderoso: é capiau tropeça e cai levanta de novo dá cabeçada. =

espectador é participador: não mais o modelo romano não-comprometido com a natureza do espetáculo: participador-cinema é teveizado: não vê filmespetáculo como algo estranho

drama não é cinema linguagem-cinema

NOSFERATO não se procura ajustar a relato-drama: está mais próximo da linguagem poética: instâncias atemporais do presente: dia é noite RIO é BUDAPESTE

NOSTORQUATO não é ato é invenção livre de de cinema-linguagem: IVAMPS generalizam outro elemento: som-cassete outro: &tc.

num lance de clareza diz PÉRICLES CAVALCANTI — A novidade de "O Bandido da Luz Vermelha" era, pra mim, como que a de ser o primeiro filme que misturava tudo isso e fazia do bolo uma certa atitude cultural também, mas a surpresa pra mim estava vindo com "A Família do Barulho", foi realmente como se eu visse o primeiro filme brasileiro que me satisfazia absolutamente: na construção da estrutura de montagem dos temas situações, planos (quase todos gerais de frente, como em televisão), dos diálogos (sketches de programa humorístico ou filme chanchada), ou o João Gilberto cantando Trevo de 4 Folhas pra Helena Inês dançar sob um coqueiro.

FAMÍLIA DO BARULHO BRESSANE e PIRANHAS DO ASFALTO NEVILLE são parentes de IVAN: marcos de cinema-invenção no brasil

JÚLIO CORTÁZAR = Que continente de hipócritas o sulamericano, que medo de que nos tachem de vaidosos e/ou de pedantes. =

o q se objeta(m)em NOSFERATO PIRANHAS FAMÍLIA é(são) argumento(s)-produto da falta de imaginação dos portadores de mensagens "sérias" (q nada mais são do q reformistas re re re)

HAROLDO = o q JÚLIO quer em ESTRANGULADOR DE LOURAS é estrangular a linguagem verbal do cinema. =

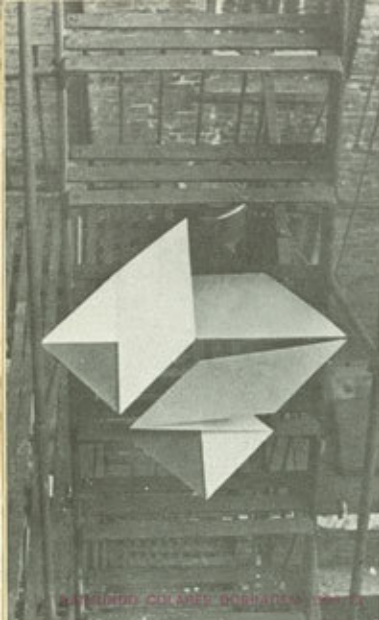
IVAN nenhuma satisfação deve à clan-cinema brasileira o q se lhes torna imperdoável hints de sinistro trincar-dentes já parodiados em NOSTORQUATO tornam-se sem efeito pros sem-humor toys sem dono sem frescura-frescor mas a MÚMIA VOLTA A ATACAR do latente pro feito

MARSHALL McLUHAN = A parody is new vision. =

é português num filme de ivan cardoso com ricardo horta · helena · cica · cristine · paulo cesar



SENTENÇA DE DEUS



RAIMUNDO COLARES DOBRANDO PAPEL

RAIMUNDO COLARES with TORIADEN (ARTIST)

ho nyk febr. 26, 72

COLARES

moderno fora da moda
descalçando prêmio chegou a NEW YORK
surpresa: não soçobrou no hogwash da arte brasileira do dia
nuit ventos tropifétidos

faca q corta corte certo
página q é bloco-estrutura não-linear
passar o giro-bloco

ir volver
queda subir na intensidade-cor
cor fina do não-avesso
semântica do abc visual

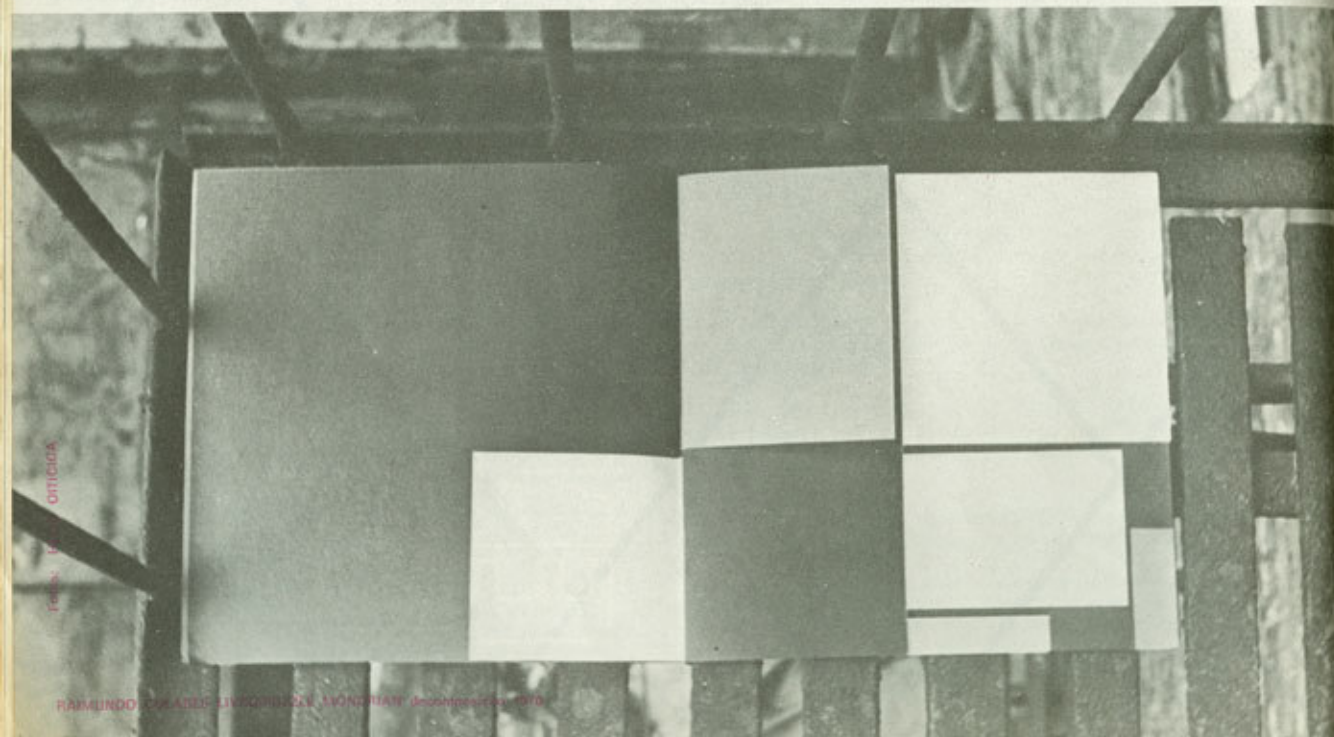
puzzle-tempo
parentesco sadio-longinquo **NÃO-OBJETO LIVRO DA CRIAÇÃO (GULLAR PAPE)** sem intenção metafísica

mostruário

livro-MONDRIAN disseca levando a espaço pós-pintura representação
q se dissolve no plano reconstruído no tempo
skylines de não-livro eixos multidirecionais no fio-corte

colabora-se de

ANTONIO MANUEL mapa aversoreverso latinomundo
forma contraformação novísimos freelancers proposições LUCIANO-
ÓSCAR
SAILORMOON'S GP IVAN CARDOSO LOP TORQUATO não-conformados for-
mantes formações a vir
plácidos triângulo quadrado dobras sem avesso espaço girado pousados
sotíficamentos do insatisfeito
insatisfação do já-feito
corte não-artesanal
proposição de atividade tempovisual

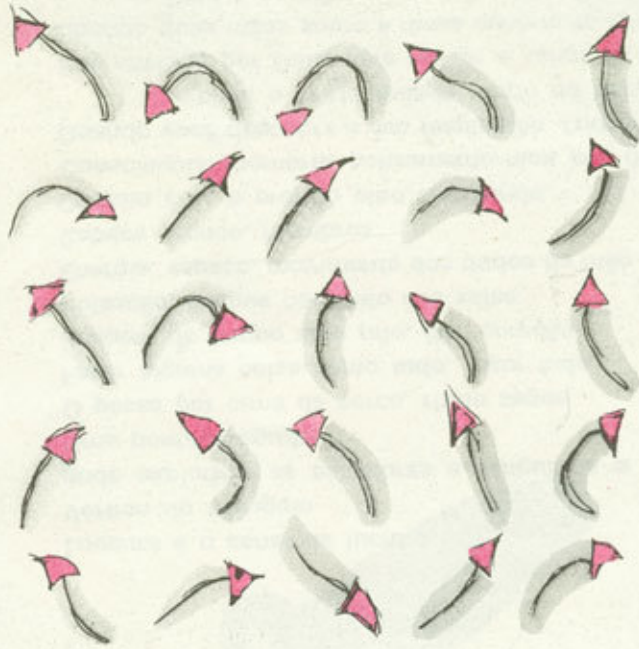


fotos: LUIZ OTICIDA

RAIMUNDO COLARES LINDBERGQUEZ MONDRIAN desconstruindo 1970

CRUZADAS PALAVRAS

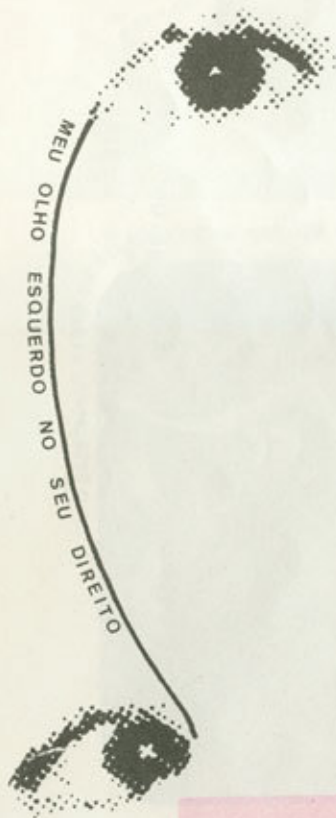
TUDO SE QUEBRA



TUDO SE ARMA

PALAVRAS CRUZADAS

LOUCURIA



Loucura é o canal da lucidez.

Vértice do triângulo

onde explodem as estruturas e sanguifica o ser.

Uma pontada aguda.

O passo por cima da cerca, ritmo segue

Fazer alguma coisa como tudo, fazer tudo.

Imagem do tempo num raio, dia, coração.

Pulsação, sangue correndo nas veias.

Energia, espaço, movimento dos dedos da mão, dos pés, dos braços, pernas.

Cabeça, tronco, membros.

Contato com o próprio olho, ver-vendo.

Consciência, memória, pensamento num jato de sonho.

Quando você descobre a sua respiração, com o ouvido na areia

/ouve o canto grande vindo da boca do mundo.

Ímã enviado por Deus para ajudar a saltar na terra.

Quando duas mãos sobre a mesa querem te apertar, você cria asas,

voa e as mãos se agarram nervosas.

Ponto de luz.

Quando você vai entendendo tudo

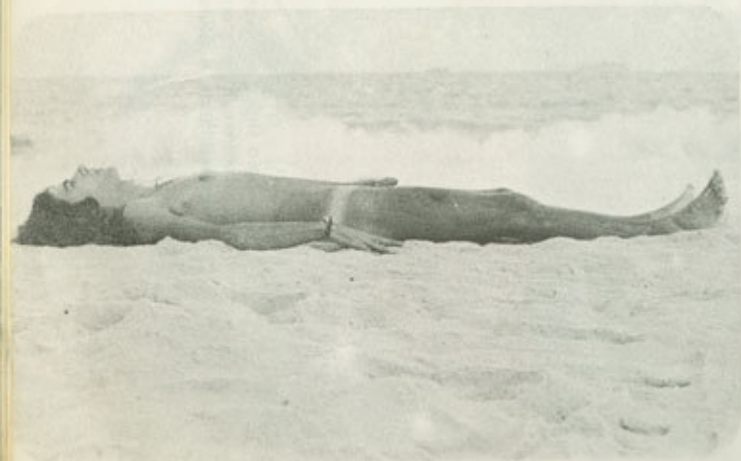
/quando a claridade vai entrando pela janela, pela boca,
pelo útero, pela palavra, pelo universo, pelo enfim de tudo.

JORGE SALOMÃO

ESTRAÇALHAR AS NEURAS PELAS VONTADES DO CORPO

CORPO QUE VIBRE

TRANSFORMAR O CORPO SOFRIDO EM CORPO ALEGRE



O HOMEM É
O
DESENVOLVIMENTO
DE SUA
LINGUAGEM



STEPHEN BERG

I. CINEPOEMAS PRELUDIOS

Veludo Venusiano
Veleiro Veneziano

Aguas turvas na
Viagem/tempestade
paixão sui generis
Giulio Cesare
classe turistica

.....
generosamente louco o trajeto
nápoles — rio de
na via.
cabine

memorial de ares:
deslizo químico em
Sunset Stripidade
julho em Los Angeles
aventuras norte-americanas

**EU TE ADORO
O TEU CABELO TEM CHEIRO DE
AVIÃO!**



DELIRIOS ROMANTICOS CARIOCAS



**DETERIORADOS
EM
REVISÃO**

**Buenos Aires 1971 por um minuto
3 freiras
Altofalantes tangos
doze fidalgos arruinados
saudade apodrecida no meio das malas**

II. Colapso nervoso

sem estilo.

o rio de janeiro é uma tragicomédia puxada
pra farsa trilhos do meu bonde solar congelado
congela copacabana não engana ninguém avenida
atlântida eu por aqui conheço bem o terreno
vejo a madrugada no rio de janeiro maquillage
cronometrada da metrópole pontual no escuro
percebo a nitidez da paisagem daqui a uns
tempos não vai dar pra disfarçar nem de dia
choro califórnia em retrospectos por causa
do meu sorriso trêmulo porque eu me desbundo
na rua por causa do meu rosto esfacelado
numero tal speedy smiler pisco o olho de olho
no piscapisca veloz fugaz fodido desastre
aterro do flamengo ou mal ou me quer em cabo
frio jovens bronzeados brincando de grécia
antiga no litoral fluminense no caos penso
em escrever uma poesia para g stein

famosa definição de uma rosa

famosa definição

famosa

famigerada tudo é a peste é o capeta o trocadilho
a energia a falta querendo romance venha dançar
comigo minha flordelys tropical saborear um
creme de lua com o afrika korps do terraço
em todo o seu esplendor original me faça feliz
super viva grita entrei num carro e solidão doeu
a extensão do colapso nervoso recomenda-se
enlouquecer pirar sofrer das faculdades mentais
ser desequilibrado ser vinte e dois ser doente
ter saúde.

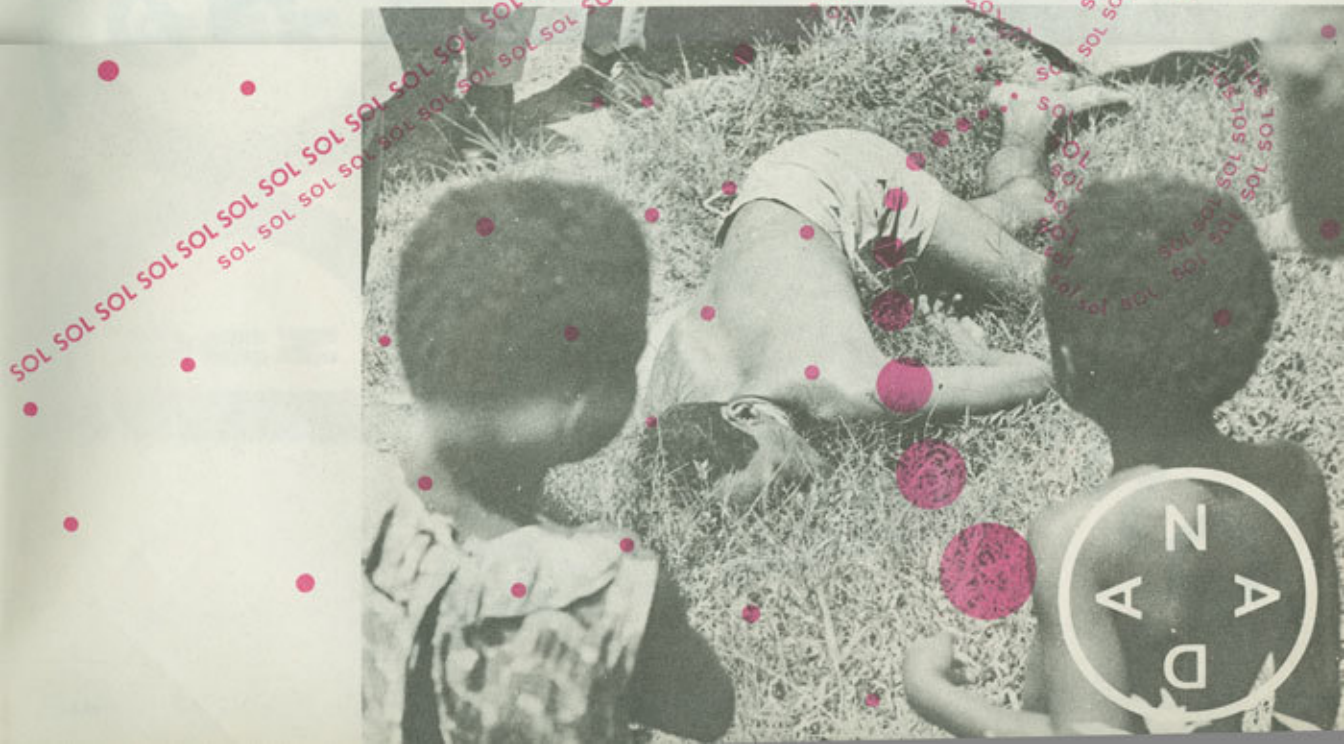
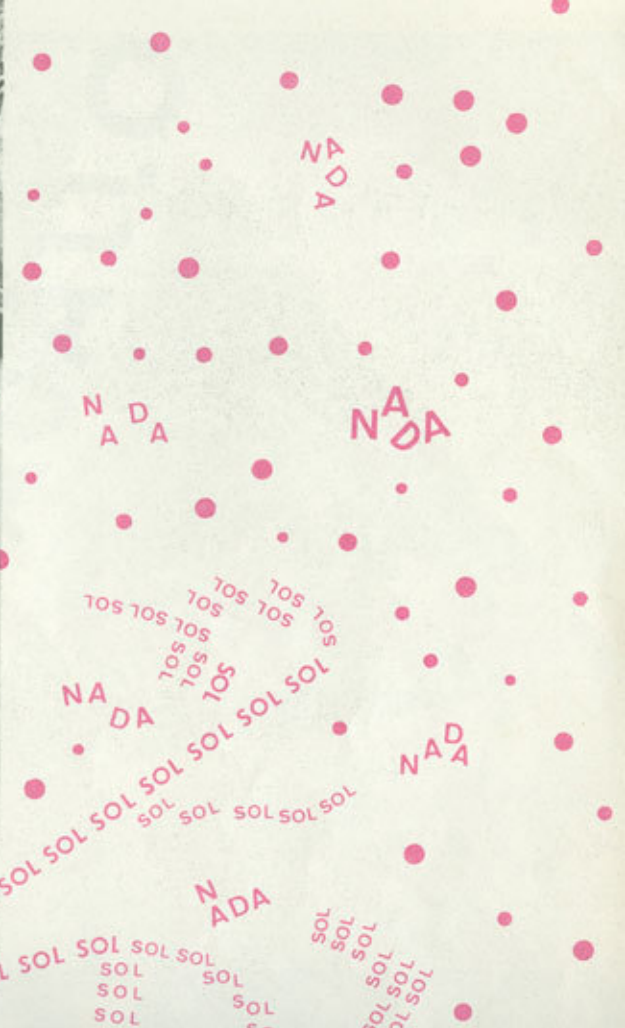
III. sabedoria é o que você sabe

you were a teenage star fucker: projeto para uma leitura/maratona
de textos e poesias. os grandes nomes da literatura os grandes os
maiores os maiorais os grandes os maravilhosos. pound — joyce —
stein — sousândrade — oswald — artaud — chandler — etc. intenção
objetivo/meta: saturAÇÃO. para a abertura do virgem do não-saturado.
ação: you were a teenage star fucker. branco, livre, maior de idade:
fodendo estrelas. ter reter the burning of the books. re-fazer.
re-inventar. procurar de novo. eu escrevo — eu não escrevo — eu
não sei escrever — tu não sabes...

steve berg
rio de janeiro
junho 72



LUIZ OTAVIO PIMENTEL





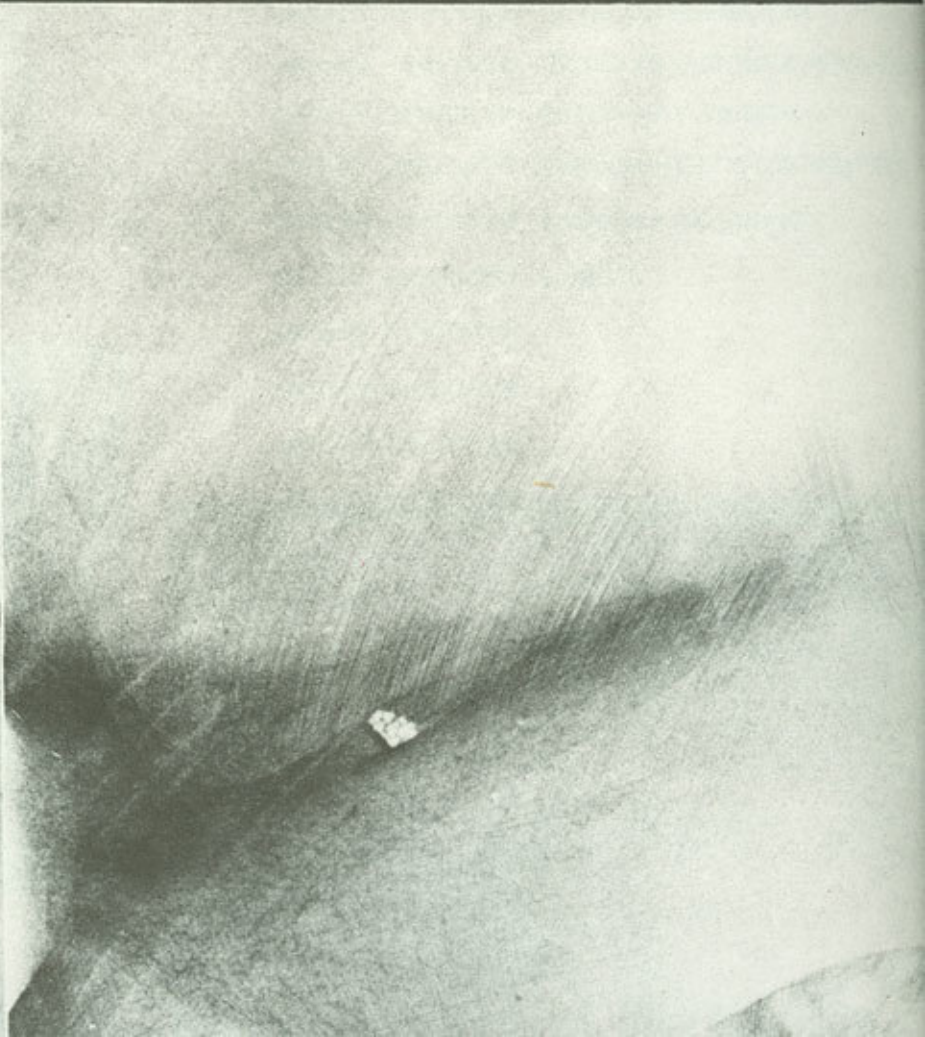
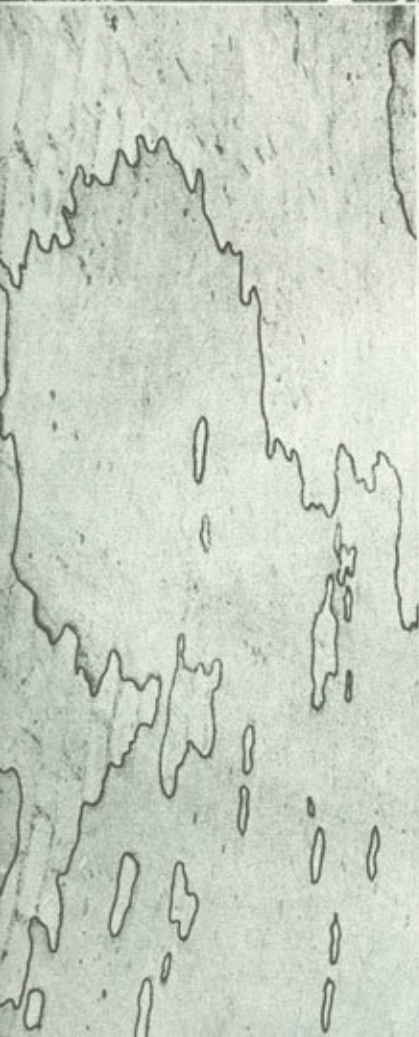
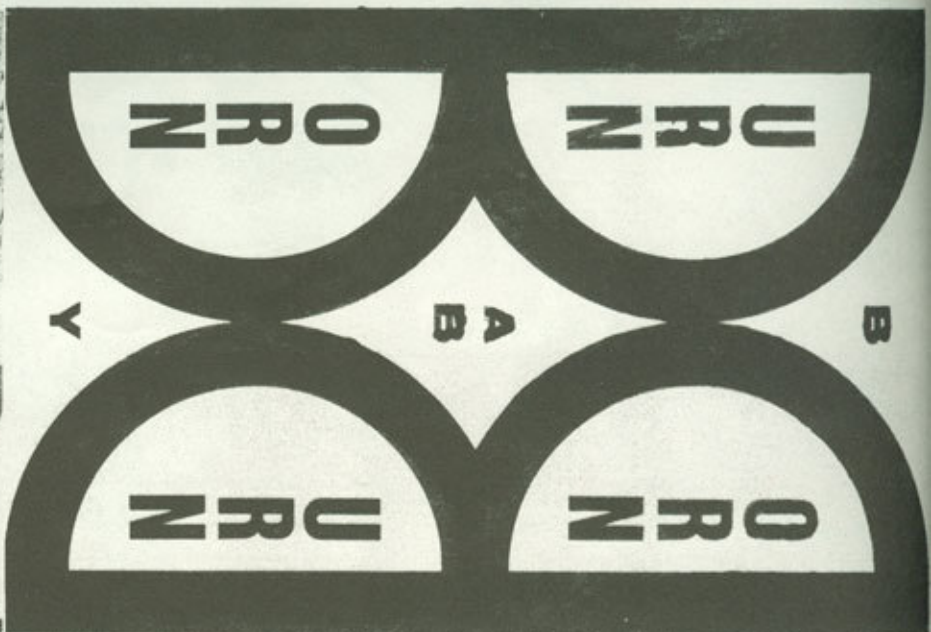
OSSADA



OSSADA



OSSADA





CI-NE
 CI-NE
 CI-NE
 CI-NE
 CI-NE
 CI-NE
 CI-NE
 CI-NE
 CI-NE



NOITES CARIOCAS :
 NOITES CARIOCAS :
 NOITES CARIOCAS :
 NOITES CARIOCAS :
 NOITES CARIOCAS : PORCO
 NOITES CARIOCAS : CABEÇAS DE PORCO
 NOITES CARIOCAS : CAÇADORAS: A CAÇADORA
 NOITES CARIOCAS : SEGURAR À LA MODE
 NOITES CARIOCAS : SEGURAR SEGURAR SEGURAR
 NOITES CARIOCAS : SI ME QUIEREM LOCA
 NOITES CARIOCAS : SI TE QUIERA EU NOCHE

E NOCHE

DIRCE &

& HELO

JINGLE SILENCIOSO → CIGARRO PUXA CIGARRO
 STONES: SISTER MORPHINE → FUMAÇA DE BOCA A BOCA
 STONES: PLAY WITH FIRE → LÍNGUA NO RÓTULO "GENERAL"

FEATURING: Torquato Neto
 Zé Portugues
 Paulo Suply

LOVE · AMOR · FACAS · CASTRAÇÃO
 (MÚTUA)

DUELO AO SOL (KING VIDOR)

MANGUEALIBAN
 MANGUE ← SOLO →



(M · I · C · T · Ó · R · I · O · S)



-"Teu punho decepado teu seio bebendo à sombra

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ



URINA



D'ENTRE MALHAS SE OCULTE O SEMPREVIVO ARDE
NO ABANDONO TREVA PISCINAS VEGETAÇÃO SAL/PICADA
FEL ALGUMAS GOTAS RUBESEMNÚAS SÍMBOLO DA
PASSAGEM ENTRE & QUÊNTIVER O SÍMBOLO SERÁ
PASSAGEM DIGO RUA DIA PELOS NOVES FORA PORQUE A
POESIA É O INVISIVEL PORQUE A POESIA É TABULEIRO
UMA ADEGA SEPULTADA ALEGRIA AFORA ISSO 666
TENHO A CABEÇA E 7 LINGUAS
MINGUANDO O SERTÃO ARDE ROMPE & MERDARDENDO D'ENTRE
MALHAS OCULTA STRIPEASINSTANTE CACHAÇA & FACAS
COMO FICA RUA REPETIDA E FICA COMIGO COPACABANA
CORRENTES & RUA ORIENTE 268/ CASA DO OPERARIO
RUA DA INCONSOLAÇÃO CASA DOS OUTROS D'ENTRES MALHAS
SE VEJA BITTER ANGIUSTURA E OCULTE O ERMO NO
CORAÇÃO OCULTE SEJA

11/7/72.

SEGREDO





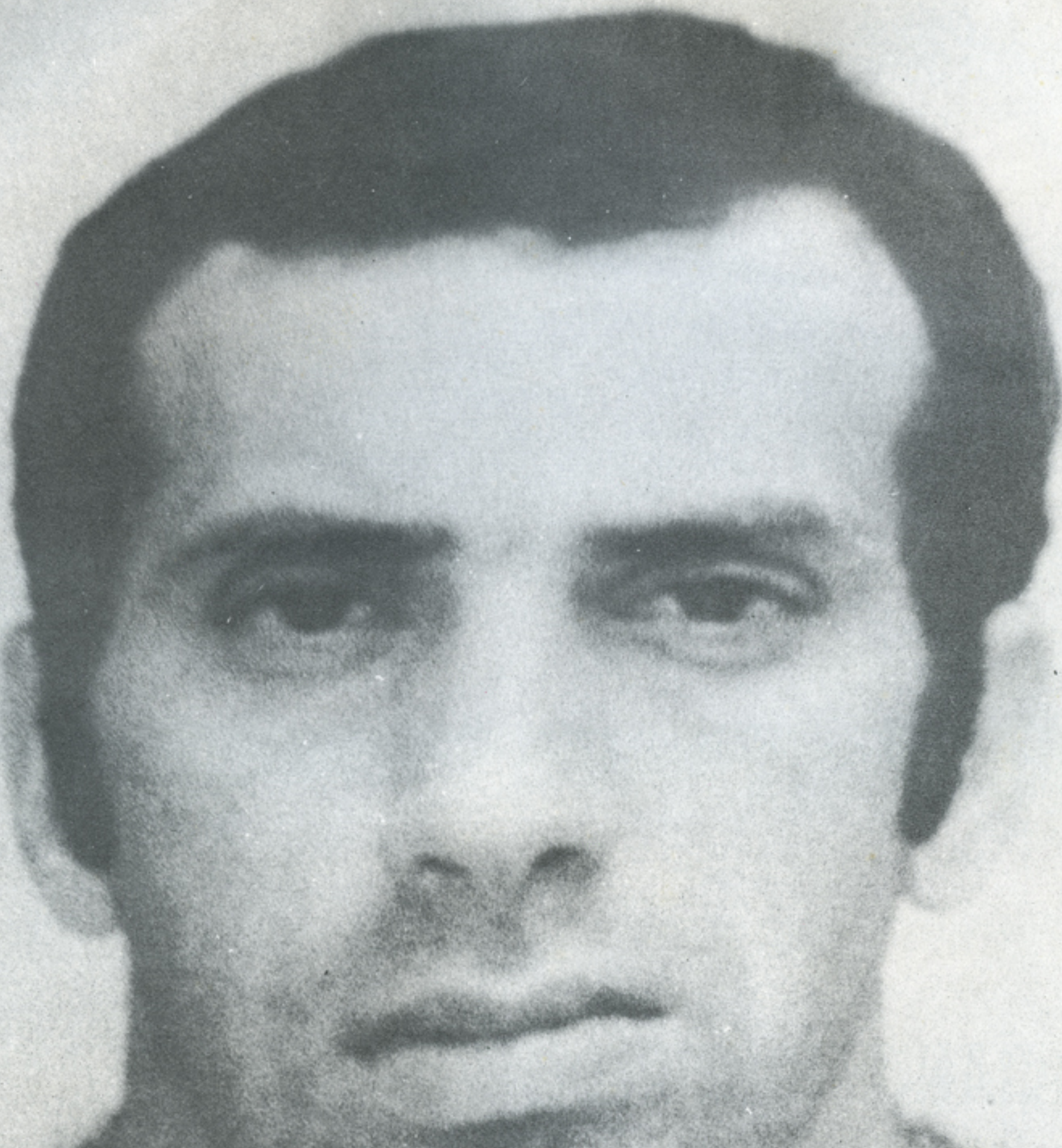
CHACAL



NAVILOUCA'S HOMMAGE TO JULIO BRESSANE FAMILIA DO BARULHO

HELENA IGNÊS

foto: Ivan Cardoso

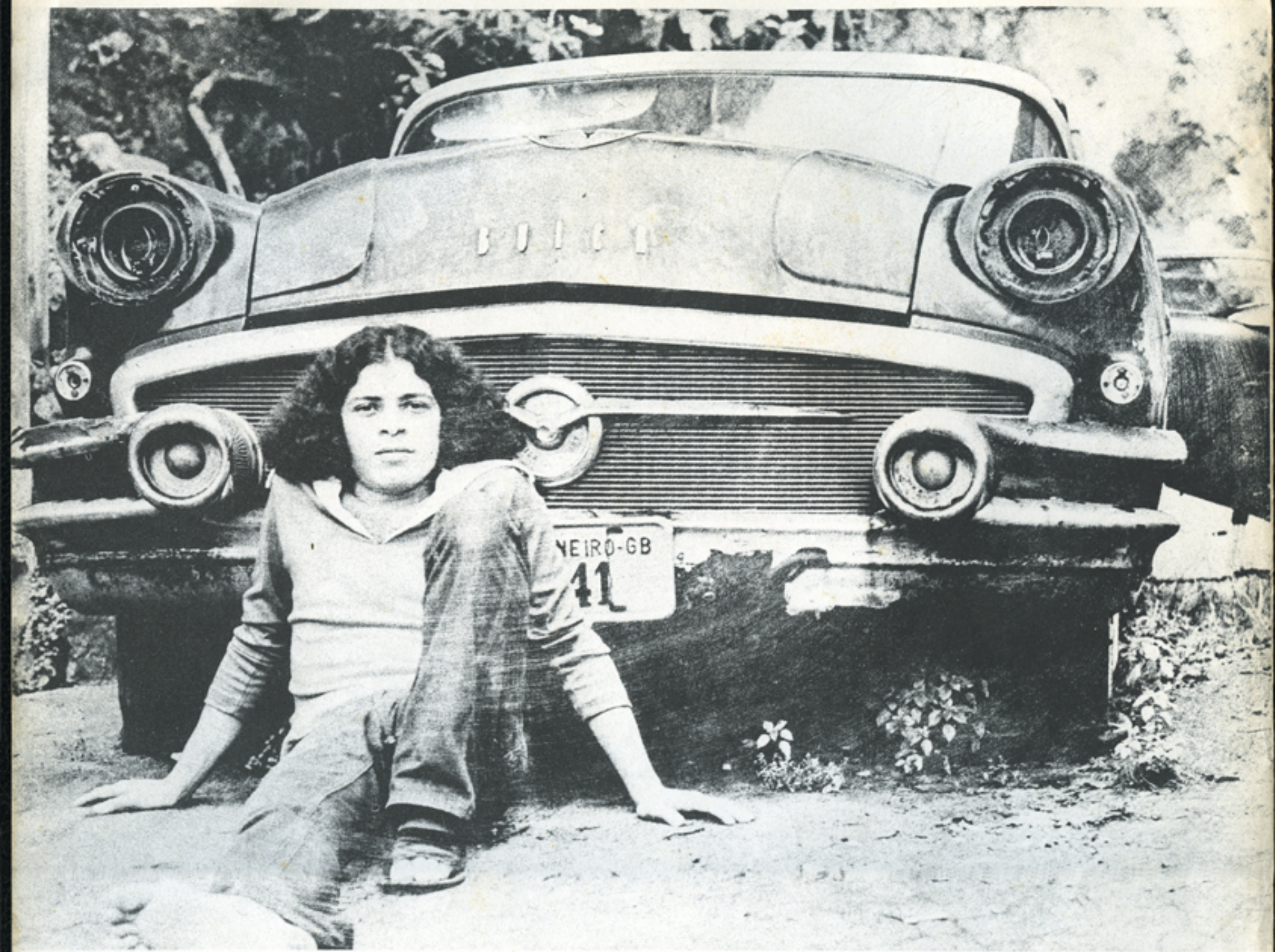


NAVILOUCA'S HOMMAGE TO JULIO BRESSANE

FAMÍLIA DO BARULHO

GUARÁ

foto: Ivan Cardoso



I.C.

LUCIANO FIGUEIREDO



I.C.

OSCAR RAMOS

GELÉIA GERAL TORQUATO NETO with love
Ho New York, Febr. 3, 72.

LAMBER O FIO DA GILETE

GELIDA GELATINA GELETE

layout-gilete: gilete-lâmina sem fio cortante: guarda a perversidade ambígua da gilete: pedaço de carne vaginada em mutilação ketchúpica d'HORTA
TORQUATO LUCIANO IVAN ÓSCAR
PER-VERSÃO longe de letrismos de INDIANA ou multimagens ARAKAWA (fascínio fácil): a borda no encontro de foto e vermelho brilha vermelho-sangue: só a foto guarda fio-lâmina na sua espessura

TOTEMAMBIGÜIDADE:

vagina GELETE: gilete-avesso: convite a lamber GOSTO DE MEL:

ketchup-suor: ou o corte na carne flácida

IVAN quer ser mordido: sua carne é oferecida ao bite de quem quiser a finura-feitura quer ser precisa: nenhum clichê-kitsch é invocado: só gilete-perversidade transpira como fio de espaço ambíguo: o corte no olho d'un chien andalou

NOSTORQUATU em ação

PER-VERSÃO da "sadia" arte brasileira: thanks god! versão perversa da "impossibilidade de ser neutro" em questões estéticas: não compatível com o clima de compatibilidade

de -FA-TAL- a GELETE

LUCIANO-ÓSCAR: concreção de ambigüidades: que lado da gilete você prefere? são os dois iguais? o corte é cego ou invisível? pra barbear ou castrar?

GELIDALETE

a nuvem-fresta d'un chien andalou pra onde olha o olho d'HORTA?

para que escorre o ketchup-melmelado? a gilete gela flacidez da carne o nipple na margem a fresta no avesso

como LIVRO descascado sem páginas ou capas — como objetarte reduzido a fio-espessura d'espço — nem um nem outro: apenas fresta onde palavra escrita e imagem roçam o signo: signo-ambigüidade giletinosa: de que lado corta o fio? semiótica per-vertida banhada em ketchup

HAROLDO DE CAMPOS: NOSTORQUATU É COMO SE MALEVITCH TIVESSE FEITO SEU QUADRADO BRANCO DE KETCHUP OU SANGUE VIVO

qual a relação entre MONDRIAN e BUÑUEL? para onde escorre o ketchup?

corte no olho-vagina sangrando frestas

IVAN CARDOSO

APRESENTA

quotidianas kodaks



TORQUATO NETO

EM

NO BRASIL

ONDE SE VE DIA

VEJA-SE NOITE

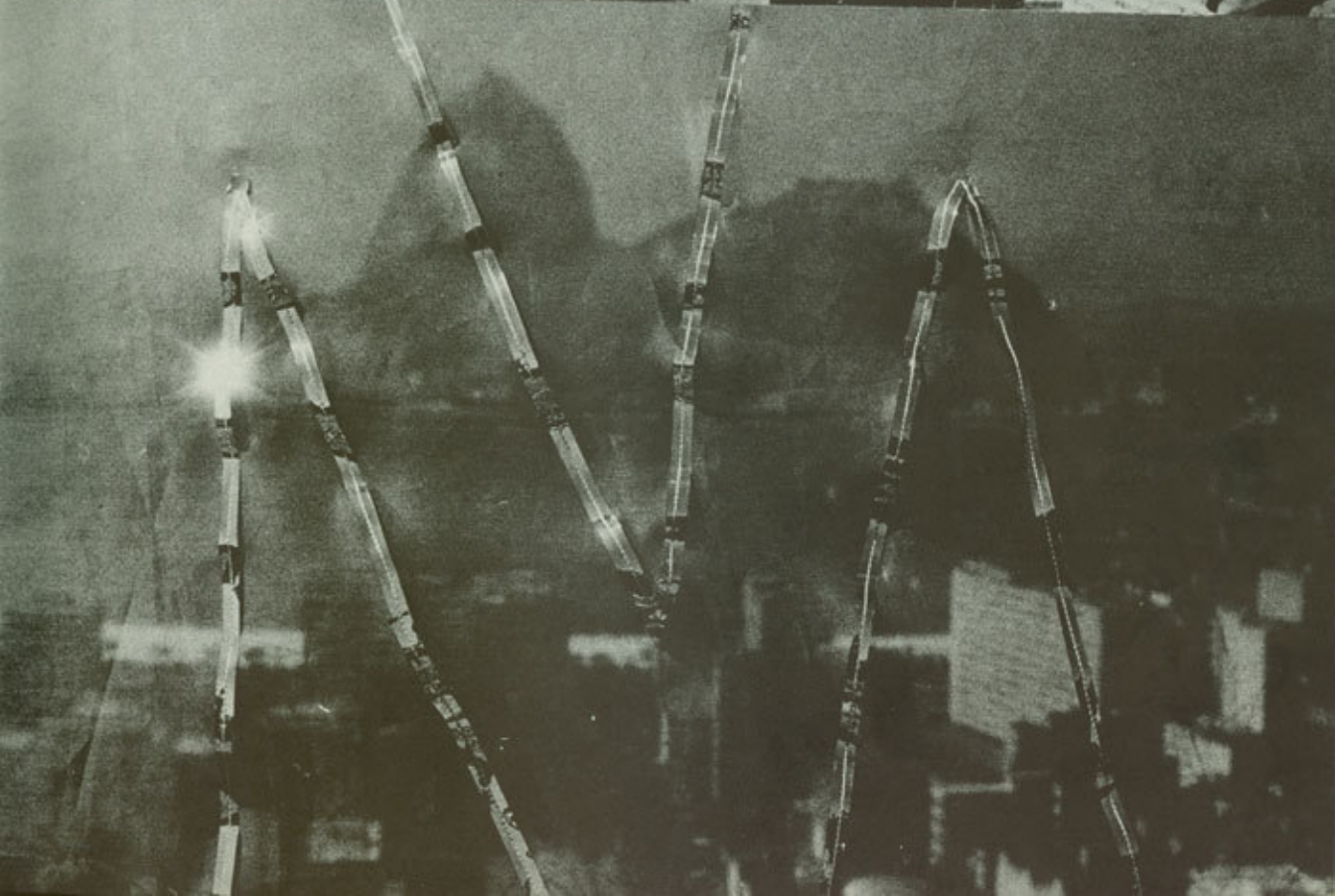
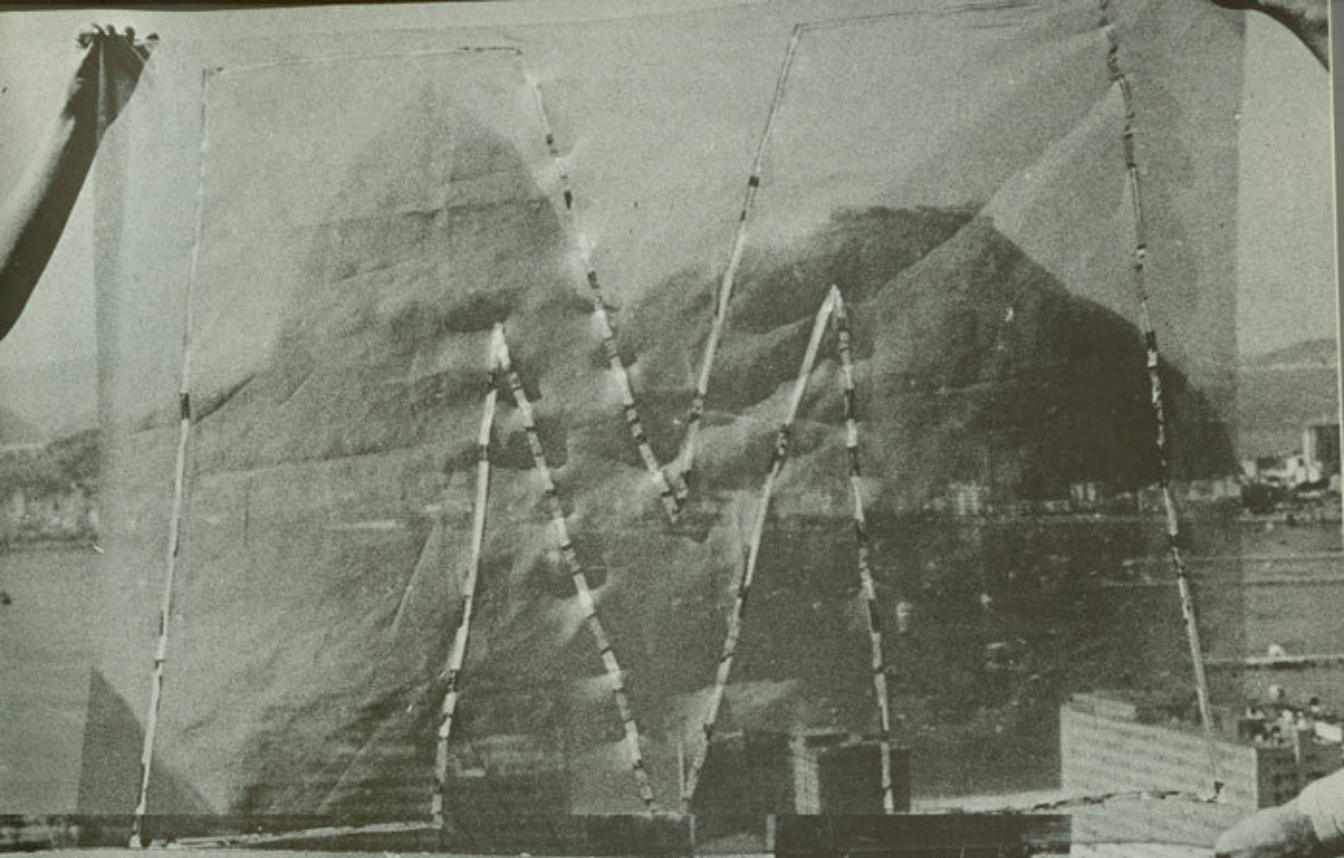


PRODUZIDO, DIRIGIDO E FILMADO POR IVAN CARDOSO

¡Tico



GEM





ATO



ENIGMA



ECENSA



IMAGE



ENIGMA IMAGE ENIGMATICO



WORLD original



ATO MITO cinema



ENIGMATICO IMAGE

ATO magico MITICO IGNEO mito

MAGIC ENIGMA



ENIGMATICO

IGNEO

MITICO

MITICO

ICONE

mito



IMAGE

CINETICO CINEMA ICONE ENIGMA ICONICOMAGICO IMAGE

mágico enigma



ENIGMA



ICONE

CINEMA

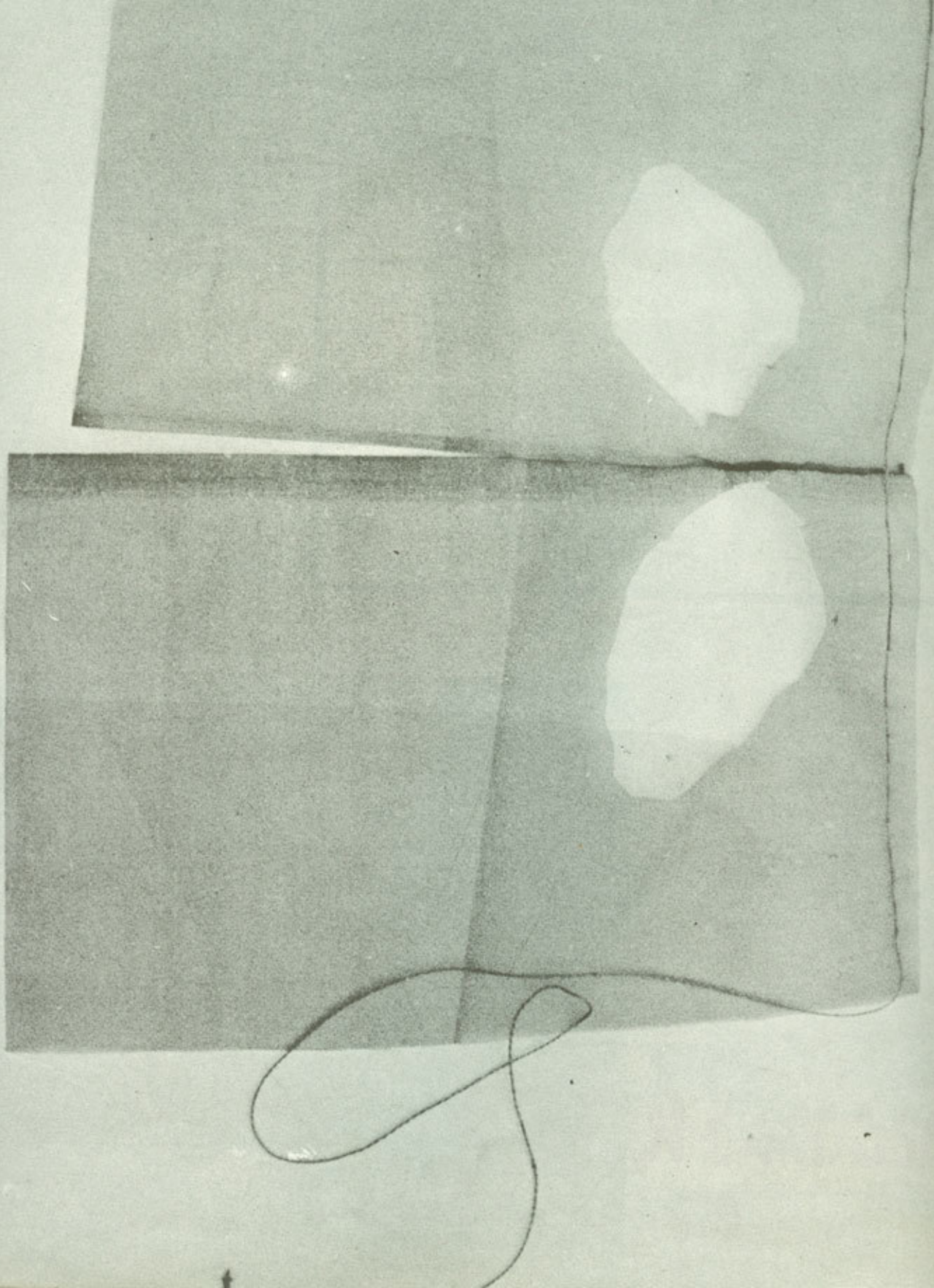


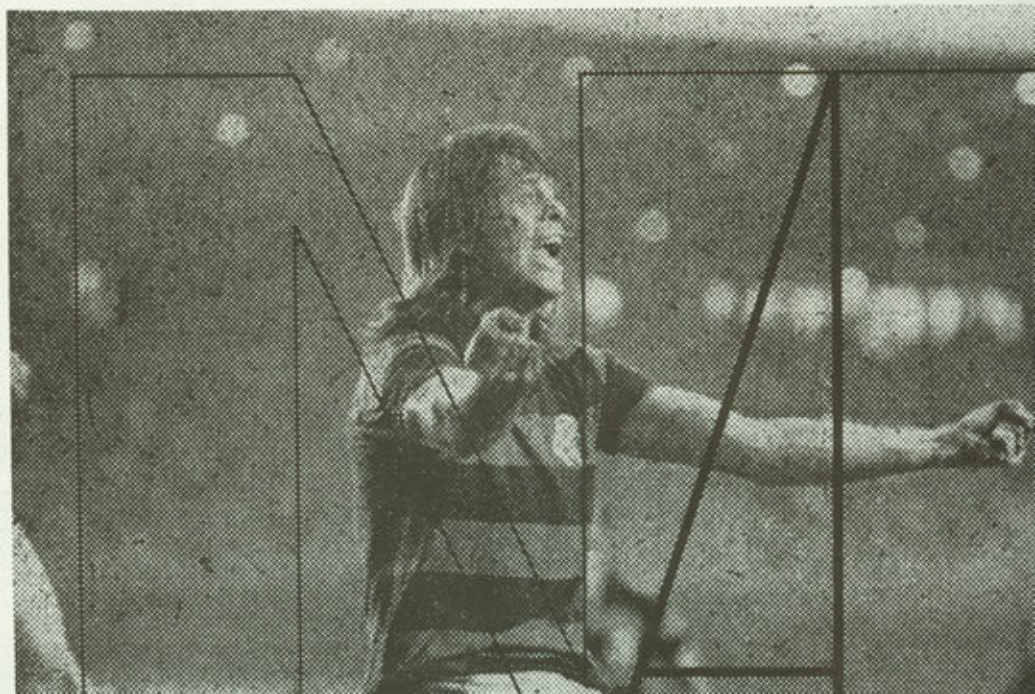
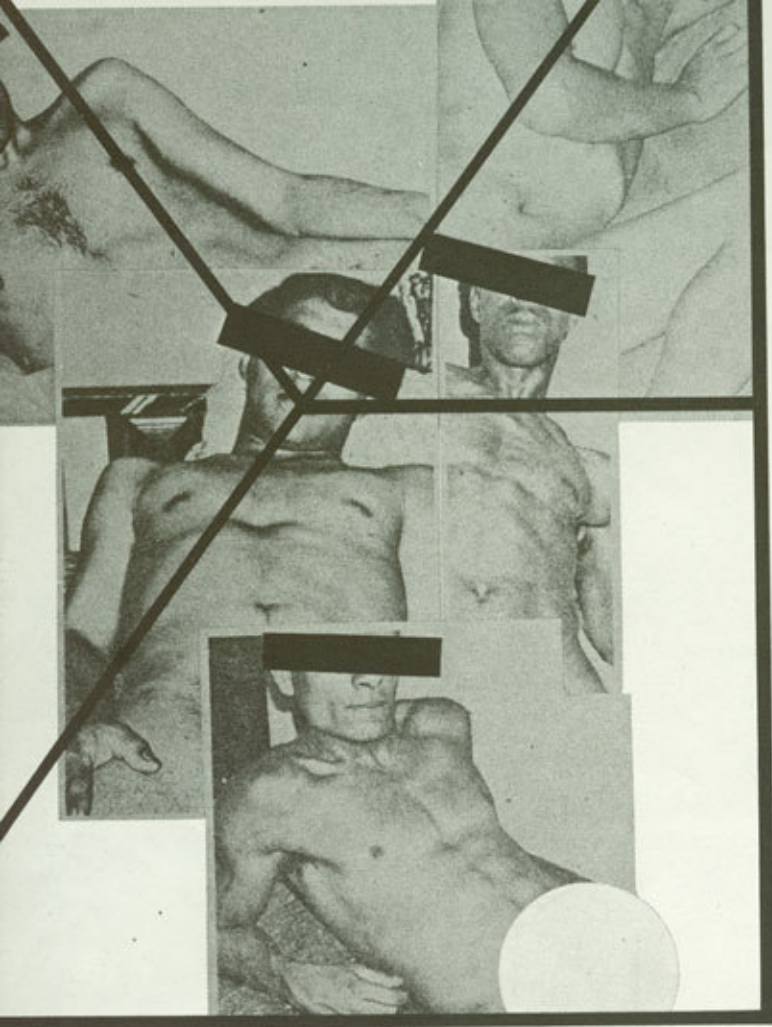
MAGICO



igneo







AMOR & STAR II



RIO DE JANEIRO-GB
522

IVAN CARDOSO





CHUVA

DEE BROTTOS

tali como s... e... e... e...

um a... s... a... do s... e...

Lê Bundade

O GOSTOSÃO DA PAROQUIA

AS SETE MARAVILHAS DO MUNDO MODERNO





CARICIA FATAL

Você não viu nada e quer ver tudo. Você viu tudo, mas não viu nada. Teme o que desconhece e enfrenta o que conhece. Por que teme o que conhece e enfrenta o que desconhece? Sua mente confusa não sabe o que procura. Porque o que procura confunde a sua mente. E nasce o terror. O terror da morte. O terror da dor. O terror do fantasma. O terror do outro mundo. Agora vê no terror que nada é terror, não existe o terror. No entanto o terror o aprisiona. O que é o terror? Ah! não aceita o terror porque o terror é você.

ESTA NOITE ENCARNAREI NO TEU CADAVER





Nightcats



LYGIA CLARK



Da supressão do objeto.
(Anotações)

Desde que o objeto perdeu o seu sentido como meio de comunicação e o homem entra como temática sendo o objeto de si mesmo e do outro, a ligação arte e patologia apresenta novos aspectos curiosos:

- o artista que está interessado em trabalhar com psicanalistas dando o seu material ligado diretamente com o corpo para regredir pacientes e fazê-los tomar consciência do próprio corpo. Material esse colhido de dentro do próprio artista que viveu sua própria regressão e crescimento através de sua elaboração, tendo o que Laing chama de "acidentes psicóticos";
- o artista vivendo a sua patologia em público, seja queimando seu próprio corpo como Gina Pane, ou ilustrando o objeto com o próprio corpo como um americano que se estende no chão e se chama "ponte";
- outros expõem a própria patologia como "obra de arte", o que suscitou grande escândalo na Bienal de Veneza em que um artista alugou para tal um mongólico.

O curioso é que se expressar através da arte foi até hoje um meio de recuperação para os doentes mentais. Mas aí o expressar-se era ainda uma projeção e hoje já não se trata de projeção mas ao contrário, de introversão. Receber em bruto as percepções, vivê-las, elaborar-se através do processo, regredindo e crescendo para fora, para o mundo. Anteriormente, na projeção, o artista sublimava os seus problemas através de símbolos, figuras ou objetos construídos.

O artista que perde a autoria da obra teve inicialmente várias atitudes compensatórias. Cultivou a sua personalidade como obra, passou a ser a sua própria assinatura. Outros se voltaram para o misticismo na necessidade ainda de uma poética transferente. Acabar com o "objeto transferencial" e assumir-se me parece sua maior dificuldade.

Assumindo a sua patologia e acabando com o "objeto transferencial", ele não precisa de ilustrá-la utilizando para isso o seu próprio corpo, mutilando-o, sofrendo e expondo ainda a mesma através de um caso clínico como o fez o artista que expôs o mongólico.

Hoje tudo está sendo checado fundamentalmente, o anti-objeto, a anti-psiquiatria, o anti-édipo, é difícil delimitar a fronteira normalidade e patologia. Mas sobram os comportamentos, embora caiam os títulos, e os mesmos merecem atenção. O que significa o artista se mutilar em público? Vamos esquecer a palavra masoquismo, auto-destruição, a palavra sadismo relacionada com o público. Destruir o próprio corpo na medida em que ele se transforma em temática, em que ele é o próprio objeto transferencial agora já eliminado, é destruir-se a si mesmo ou está inserida nessa destruição o mito do artista? Ou nessa aparente desmistificação o mito do artista cresce na medida em que ele artista é o objeto desse espetáculo? Qual a diferença de um artista que corta e destrói uma tela para negar a mesma como objeto de expressão? Me parece mal resolvido como pensamento da negação da obra e do mito do artista. Atitude romântica do artista que ainda precisa de um objeto, mesmo sendo ele o objeto, para negá-lo.

O artista que se chama "ponte" tomando a forma da mesma. Desde que o objeto morreu, ele substitui o objeto no sentido literal e passa a ser o mesmo numa atitude meramente ilustrativa, esqueçamos o termo catatônico. Ora, na medida em que ele se torna objeto, ele não assume a perda poética ainda transferida, ao contrário, é ainda o corpo que se torna objeto, mas não há salto qualitativo, é uma atitude regressiva.

Quanto aos que expõem a patologia como obra de arte: pode ser uma decorrência do cruzamento da arte e patologia que está havendo na essência, falta de pensamento total, de percepção do verdadeiro sentido desse problema tão grave e belo, deturpação que se poderia chamar modismo. . .

Através do "caminhando" perco a autoria, incorporo o ato como conceito de existência. Me dissolvo no coletivo, perco minha imagem, meu pai e todos passam a ser o mesmo para mim. Escrevo sem parar, acho a ligação da poética transferente da arte com a religião, escrevo textos negando o nome como identidade pessoal das pessoas. Tomo consciência que o "caminhando" é a primeira passagem do meu eu para o mundo percebendo a totalidade do ritmo desde o futebol da praia até Mozart. Tomo também consciência da crise geral da expressão na literatura, dos gêneros que caem, do teatro. Perplexa sinto a multidão nos metrô na cadência dos passos somados, no cruzamento de corpos que quase se tocam mas que se afastam, cada um tomando rumos secretos de existência privada. Falo e ninguém entende. Não consigo comunicar essa mudança de conceito que para mim era tão profunda e radical dividindo a arte entre "o que já era" e o que poderia ser. Sinto profundamente a queda de valores de palavras que deixaram de ter significado como o "gênio" e a "obra", o individualismo. Penso e vivo a morte. Sinto a multidão que cria em cima do meu corpo, minha boca tem gosto de terra. Faço o meu mausoléu com caixas de fósforos, saio para a vida, redescobro sons com uma agudeza impressionante. A vida estava se abrindo como uma afirmação de vida mas vivida ainda como morte, vazio total. Raros momentos de integração em bruto com a realidade. Encostada num tronco curvo de árvore me sinto como se fosse o próprio tronco. Passando a mão em volta de uma estátua, viro a prega do meu manto. O quotidiano, o niilismo, a imobilidade, penso na morte como solução.

Sonho: Minha cara era lisa, sem arquitetura, sem relevo, sem cavidade. Percebo um ponto no lugar de um olho — possibilidade de recompô-la por mim mesma, desenhando-a.

Através de pequenos objetos sem valor como elásticos, pedras, sacos plásticos, formulo objetos sensoriais cujo toque provoca sensações que identifico imediatamente com o corpo. Daí o nome "nostalgia do corpo", fase analítica em que decompou o corpo em partes, mutilando-o para reconhecê-lo através do toque com grande sensualidade.

A fantasia do mundo como um grande bicho não percebido pelo homem. Deixava construir sobre o seu corpo, pequenas arquiteturas, cidades, deixava navegar no seu mijo que são rios, tragava tudo ao esboçar um bocejo ou um pequeno gesto. Com a abertura das pernas ele inundava cidades, destruía pontes que o homem reconstrói sem a percepção dessa totalidade mundo-bicho que incorpora tudo no seu ventre. A nostalgia do homem de ser coberto unificado no grande corpo. Quantos sexos ele tem, acho que são vários e que ele copula consigo próprio. Dentro do seu peito habita uma ave — pasto para um leão que habita o seu ventre. Ritual, festim, renascendo cada dia a ave para ser devorada pelo leão. Quando passo pelos campos vejo em dois cruzamentos de colinas os seios do bicho. Percebo nas planícies o seu ventre e através dos tufos de árvores os seus sexos.

Em cima da mesa articulo pequenas pedras com elásticos a que chamo natureza e toda mulher que vejo passar carregando um saco, esse saco é parte do seu corpo tão vivo como um ventre.

Formulo grandes "máscaras-órgãos" com plásticos sacos de cebola: com pedras. Quando se coloca essas máscaras se percebe um grande espaço abismal e o tocá-las ainda é o reconhecimento do corpo. Perdi minha identidade estou diluída no coletivo. Me vejo através de todas as pessoas independente de sexo de idade. Tento reconstruir a arquitetura da minha cara me apropriando das fisionomias que vejo. "Eu sou o outro". Me sinto tão elástica e maleável que me adapto a toda a sorte de contactos. Vivo toda a sorte de situações secretas e imaginárias. O acoirar o pênis entre as pernas num quarto desconhecido. Parceira de um abraço visualizado num casal. Sou a cabeça da mulher que fez dobrar na camisa branca de um homem solitário. Incorporo as estrias grávidas que a barca abre no Sena como uma faca penetrando a carne do corpo. Reconheço a solidão da puta como "a estrangeira" na percepção do homem que parte. O inconsciente aponta através de sonhos uma regressão profunda. Passo através de túneis, sou expelida, me vejo rodeada de fetos, seios com forma de cabeça de serpente que vomita uma substância compacta, substância essa expelida por mim em sonhos do passado até introjectá-la como parte integrante do meu corpo. Sinto a nostalgia da normalidade e tenho medo da loucura. Controlo o meu inconsciente, corto na fase crítica os sonhos de regressão, induso o inconsciente a soltar um material de crescimento. Fragmentada vivo o erótico com um, a sensualidade com outros e ainda a criança perversa e libidinosa em função de um terceiro. Estou "possuída" apelo para o diabo e tenho horror a tudo que se refere a magia negra — vejo seus signos em riscos deixados em passeios por patins, em rachas de paredes envelhecidas, em fisionomias curtidas pela velhice ou pela dor. O tempo fragmentado: momentos de euforia, pausa, niilismo; sou um ser à parte no mundo, coberta pelo meu corpo, escondida, paralisada, à espera de como dar continuidade ao conceito do momento, do precário, religando as pausas sentir que um dia é um dia mas que a soma são na realidade dois e que um mês tem 30 desses dias para depois se desdobrar no tempo de uma vida.

Depois de ver um livro de fotografias pornográficas percebi que meus trabalhos proposições eram muito mais eróticos que o livro que havia visto. Ser tocada por um amigo que tinha na sua cabeça uma máscara sensorial provocou um grande choque em mim como se tivesse profanado o meu trabalho ainda vivido como sagrado. Depois o propor essa ligação veio da minha parte: passei a pedir às pessoas que se tocassem sem medo e vivessem essa experiência erótica ainda proposta através de um objeto intermediário.

A percepção da carga erótica nos sacos cheios de pedras, nas máscaras-órgãos fálcos, das mucosas do sexo no toque de um saco cheio de ar, da penetração no expelir a pedra entocada nesse saco, do seio pressionado pela mão, do entrelaçamento

dos corpos copulando na passagem do túnel, da briga do macho e da fêmea por cima por baixo, da passividade da fêmea deitada e do homem por cima, do acariciar-se a dois através do "diálogo" o toque das pedras penduradas nas costas do homem que sustenta o túnel do nascimento — culhões, do hálito fresco ou fétido do parceiro nas proposições gestuais, cara a cara, poro a poro, suor, a promiscuidade de corpos lúdicos que se repelem, se entretecem, se agridem e esboçam o ato da multiplicação da espécie a unificação do "profano" e do "sagrado".

sempre no processo do fazer-se a cada instante. Passa uma manada de bodes pretos que me olham com olhos rasgados cor de mel. Magia negra, estou invadida pelo inconsciente. Engatinhando desço o morro dego na água na areia na terra e aspiro o ar. Penso em arrolhar dentro de uma garrafa esses elementos para num rótulo dar-lhes outra vez identidade. Como alguns calamares: é como se engolissem a paisagem, é algo sensacional. Três noites, três dias sem dormir. Na quarta começo a chorar e a bocejar até caindo na exaustão dormi: ao acordar me vejo no espelho e redescubro a minha cara o meu eu que me fora negado e dissolvido por tanto tempo.

Me sinto sem categoria, onde meu lugar no mundo?

Tomo horror a ser catalizadora de minhas proposições. Quero que as pessoas as vivam e introjectem o seu próprio mito independente de mim.

Sonho: Me vi nua enorme, eu era a paisagem o continente, o mundo. Em torno do meu púbis, pequenos homens construíram uma barragem. Barragem de contenção ou grande lago para todos nele mergulharem.

A negação de qualquer expressão de proposições e a percepção da vida para ser vivida. Receber as percepções em bruto sem passar por qualquer processo intermediário. A percepção da arquitetura da idade média em que a mesma é ainda um corpo, abrigo poético, tendo o homem ainda necessidade de habitá-lo. Nostalgia do útero. O reconhecimento dos espaços percebidos nas últimas proposições em que já não havia nenhum objeto intermediário, como um espaço que reconheço como espaço interior do corpo. Espaço esse ligado numa noite com a

Sonho: Estou fazendo minhas experiências com os plásticos dentro do oceano.

A água era o elemento que preenchia todo o vazio do espaço.

Acordo e choro todo o oceano.

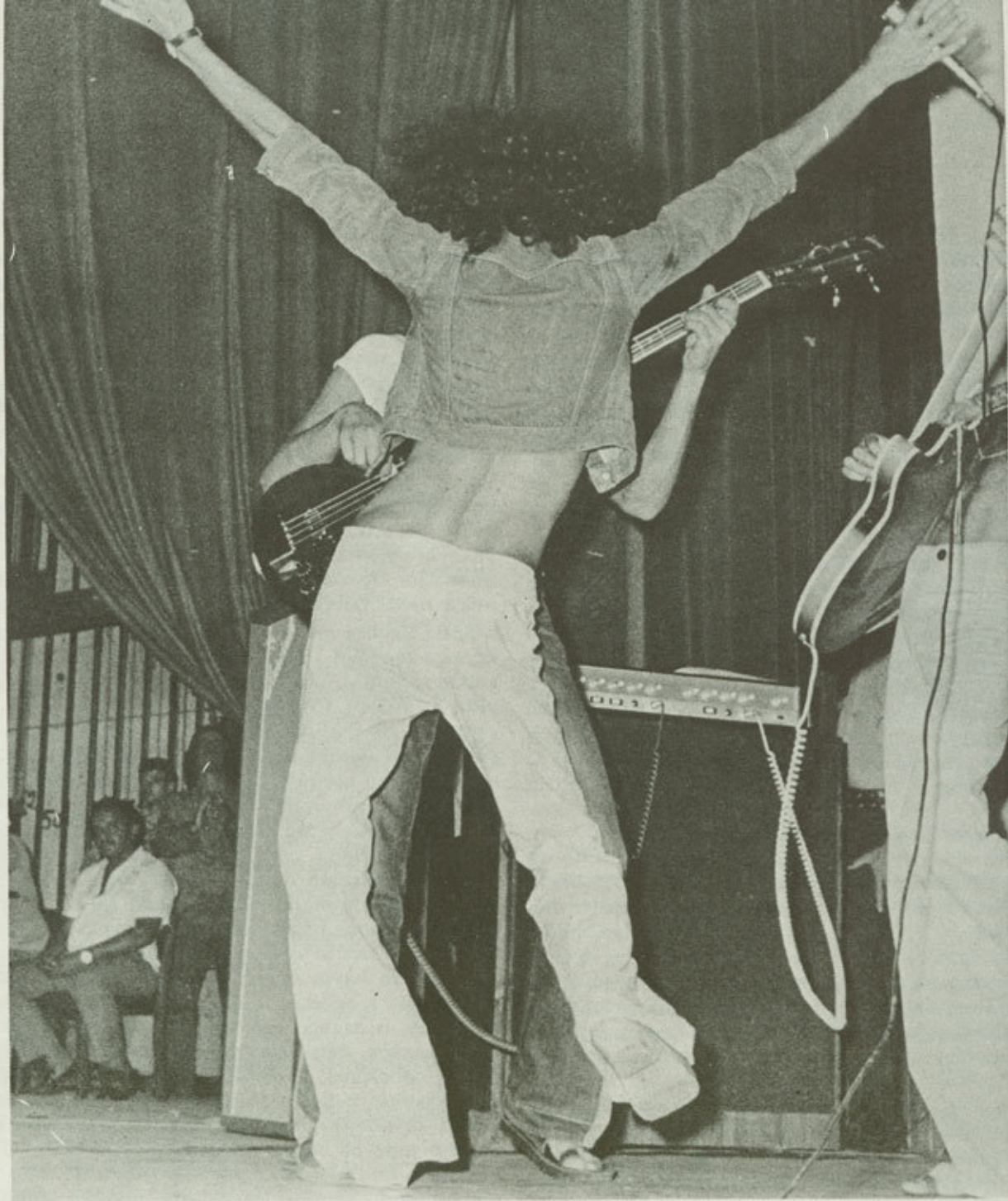
O que me falta para complementar todo esse vazio.

assentada na garupa de um diabo em cima de um pacote vermelho vendo a terra em baixo. Perco o sentido do tempo o percebo a terra que continua o mesmo processo, se fazendo e desfazendo continuamente. Passam-se horas que na realidade são segundos. Chego à praia. Passo a noite num estado alucinatório total, o tempo continua elástico, enorme, num minuto tenho a percepção de séculos. Visão constante de uma forma que me parece ser a soma dos dois sexos, feminino e masculino. Dentro de mim uma criança chora de pavor. Vou ao banheiro — vejo minha cara no espelho, deformada, a pele está solta, os ossos por baixo estão tortos, sou uma velha de 5.000 anos de idade. Compreendo Goya pela primeira vez. Da varanda vejo o mar a terra o ar e tudo me parece mercúrio. Os sons me penetram de uma maneira aguda, passam pelos meus nervos invadindo todo o meu corpo. A terra própria vagina onde o feto para nascer tem que mergulhar. Espaço abismal, túnel, morte, passagem condutora para a vida. Espaço vivido pelo feto como morte ligando a dualidade vida — morte. Problemática que o acompanha em todo o seu processo de maturação ovo — mortalha. Regressão do feto que sai do seu verdadeiro habitat: útero. O engolir o espaço exterior para abrindo os pulmões num grito, espaço esse identificado por mim com o que chamei há anos de "vazio pleno" em que a poética ainda era transferente. Religamento do espaço metafísico com o imanente. Já nada invento só: as invenções nascem a dois a três numa troca comum de diálogo sendo isso que mais colado a vida consegui propor. Divido a proposição e aceito a invenção do outro. Grande instinto de morte colado a grande vitalidade. A consciência de que não havia opção para fazer tudo o que fiz até agora, várias opções se abrindo para viver a vida de várias maneiras, o espaço real onde na dinâmica do corpo elaboro meus passos, meus gestos, o tempo real onde se manifestam coisas concretas. A recolocação do real em termos de vida. Pensamento mudo, o se calar, a consciência de outras realidades, do meu egocentrismo que de tão grande me fez dar tudo ao outro, até a autoria da obra. O silêncio, a interação no coletivo, a recomposição do meu eu, a procura de um profundo sentido de vida no grande sentido social, o meu lugar no mundo. A consciência de que o entregar-se no fazer amor não existe mas sim uma apropriação do pênis como parte integrante do meu corpo o me sentir através o outro como se copulasse comigo própria. O outro passa a ser eu, o inverso do conceito expresso e vivido por tanto tempo como eu sendo o outro.

PENSAMENTO MUDO

PENSAMENTO MUDO

Carboneras. Do avião: o solo todo revolvido, a terra se move num processo contínuo como o começo do mundo. Sinto um calor que vem de dentro do corpo como se tivesse engolido um tijolo quente. Sinto-me grávida. Num táxi, em direção à praia, tenho a percepção de um sonho antigo: e vejo no cosmos,



CAETANO VELOSO

DE TENTATIVA DE SIMULAÇÃO DE SALADA DE TREINO DE

sais eram (espelho) maresias

eram olhe (pés, mãos) onde anda

nada

ainda

soam doem^{do}

no meu coração de poeta romântico
antigo amor

(sempre entre o mar e aquilo que o mar espelha)
as palavras

primeiro tentando roubar os nomes às coisas, logo costurando-se/os/as (oh meus olhos estão acostumados a moverem-se horizontalmente por causa do mar e da escrita, por exemplo).

contemplar aqui há milênios amaranilanilinalinarama — troca d'olho — amare, amarel anil: verde perto (o poeta augusto na pituba, fora da barra, '69) há milênios sentemplar o perto e branco do papel um horizonte de letras o horizonte das letras um horizonte de letras o infinito sempre continuado horizonte das letras mas a profundidade dos números um horizonte superfície flor d'água de letras e a profundidade abissal dos números o vértice da poesia ah o vértice da poesia é o vértice da poesia que quero trazer para esta pá contudo o mesmo mar que tudo contudo para esta o mesmo mar que tudo espelha se espalha (variante: o mesmo mar que tudo espalha se espelha) nesta página do meu repertório oiro repercutecute cinco letras cinco — o vórtice da poesia o antigo sonho de viagem dos poetas de trazer transparência fundura abismo adivinhação vertigem ao papel plano das palavras escritas à horizontalidade morta das letras à retilínea mudez delas oh os poetas inventaram inventarão para sim mesmos o mito de que as assim palavras foram antes som de ser palavras — alma: lama mal amalgamada — som como a mágica música som como a alma do mundo que temos os olhos separados dos ouvidos), velando e relevando o talvez nome sem nome que as coisas têm de nós dentro:

evadeus se duma quando o céu todo se desconstela diadão: é aqui que s'urge o personave freminino. ger'um dia. vem sanhassonhando, cantarrolando aurorabaixo, assabiando, andorindo, passarando passo-perto.

— "à tarde, quando de volta da serra
com os pés sujinhos de terra
vejo a cabocla passar" —

— asparece o prersonagem maculino.

!— "as flores vêm pra a beira do caminho pra ver aquele jeitinho que ela tem de caminhar"

rasto de gente abaianada.

— "e quando ela na rede adormece

e o seio moreno esquece de na camisa ocultar"

o dele olhar apenas guimarõesroça a dela epidorme.

— "à noite de seus cabelos o grampos"

quando tudo muricoça lagartrisca, sapode, tudo cobra, tudo louva-deus. tudo, deus pôs, maripousa borbolementamente.

— "somentemente com o nome dela na boca

pensando nessa cabocla

fica um caboclo acordado."

essa angústia que o paralisava ao crepúsculo deve-se apenas ao fato de ele ser o personagem central deste livro. este livro é a maldição daquele menino na medida em que é a salvação do seu autor.

ou:

morbía um cigarro num dos cantros da boca enquanto palavras escarriam pelo outro. arredação, nojo ornamentiras — e aqui vai uma homenagem ao meu amigo e proeta michael chapman, gigante de portobello, único jornalista e único jornaleiro do "daily liar" —, ensourdescia aos berros das palredes de exgosto, no dactilogro amado ar falto do raio de

ENTREVAVISTA

a que você atribui o fato de ter a opinião pública o distinguido?

— Meu pecado muito originalquando eu nasci um anjo torto desses uma pedra no meio do caminho vai que é mole eu sou o lobo mau eu sou o lobo mau eu sou o tal tal tal tal tal talvez quem sabe terei eu apenas setenta centímetros de altura faltarme-há uma perna neste país não meu filho né pois é né será né meu coração vaga né pois é né e diria inclusive aqui e agora minha idade verdadeira né é né e agora José a minha idade verdadeira é a idade da pedra polida e pronto né de todas as minas de bahias de onde venho assim cansado de que marcha de que samba das minhas minas bahias gerais de todas todos os meus amigos são reencarnações de lampião de dom bosco de rodolfo valentino de akenaton eu né eu não eu sou a reencarnação de um cujo nome não consta homem neolítico e porisso.

você já viu algum disco voador?

— Só de fotografia.

o que acha do LSD?

— Certa feita eu tomei um LSD, uns amigos vieram, eu tinha que fazer essa experiência, eu tomei um, cê sabe, achei uma boa droga.

que acha de Millor Fernandes?

— Prefiro Nelson Rodrigues.

você assegura que esteve nos aposentos do Papa Paulo VI?

— Y lo puedo probar. No tengo miedo de esos que no tienen el corage de poner la cara. He dicho que dormi con el Papa y lo pruebo. Porque yo tengo el corage de poner la cara. Yo no soy un henano, soy un niño. Para aquellos que hicieron lo que hicieron con mi madre, con mi madre, MI MADRE, señores, no se puede hacer una cosa de esas a una madre, para esos yo ofresco mi deprecio. Algunos dicen que yo soy comunista, que yo soy un hombre de isqui-quierdas; pero mi filosofia es la filosofia pura, la filosofia del amor, de la sonrisa y de la flor. Tampoco soy hippy o participo del movimiento de la bossa nova. Soy un niño y soy sociólogo sicólogo filósofo matemático místico bailarín escritor dentista poeta y etc. etc. etc. No soy un henano y no tengo



HAROLDO DE CAMPOS

SOUSÂNDRADE: RASCUNHO PARA UMA URNA

ignição
de signos

hino!

discorde
harpsicórdio

topázion-flor!

sinos
desacordes

sina
inciso
sinal

insânia: a

sangra
o dente
do siso

insígnia

riso
clandestino)



NOTA EM FILIGRANA: O fotopoema é de Jaroslav Malina. Quanto a esse texto em progresso, iniciado em 1963, seu projeto, esboçado em "Dois dedos de prosa sobre uma nova prosa" (Invenção 4,1964), aproxima-se daquilo que Roland Barthes descreve como "texto plural" em S/Z (Seuil, 1970): "esse texto é uma galáxia de significantes, não uma estrutura de significados; não tem começo; é reversível; é abor-

dável por múltiplas entradas sem que qualquer delas, com segurança, possa ser considerada a principal; os códigos que ele mobiliza se perfilam a perder de vista, são indecíveis (o sentido não é nele submetido a um princípio de decisão, a não ser por lance de dados); os sistemas de significados podem apropriar-se dele, mas seu número não é jamais clausurado, tendo por medida o infinito da linguagem" (H.C.).

cadavrescrito você é o sonho de um sonho escrever em linguamarga para sobreviver linguamorta vagamundo carregando a tua malamágica za ubermappe para fazer a defesa e a ilustração de esta língua morta esta moura torta esta mão que corta um umbilifio que me prega à porta a difusa e a degustação de e em mil uma páginas não haverá ninguém algum nehum de nenhúrias que numa noite núltima em noutubro ou em nãovembro ou talvez em deslembro por alguma nunca nihilíada de januárias naves novilunas finisterre em teu porto por isso não parta por isso não porte reparta reporte destrinça esta macarroniada em malalíngua antes que o portogalo algaraviando-se esperante o brasilisco e este babelório todo desbordele em sarrapapel muito fácil teu entrecho é simples e os subentrechos mais simples ainda alguém poderá falar em didascália uma palavra que termina em álea mas o certo é não diferenciar entre motivo ou tema nem apelar para mitemas fabulemas ou novelemas ou se perder no encalço da melhor tradução para récit ou do distingo entre novel e novela nem útil saber se fábula ou conto de fadas é o ~~têrmo~~ ~~que~~ ~~equivale~~ ~~ao~~ ~~russo~~ ~~skaz~~ ~~bichos-da-seda~~ ~~se~~ ~~obsedam~~ ~~até~~ ~~a~~ ~~morte~~ ~~com~~ ~~seu~~ ~~fio~~ ~~e~~ ~~o~~ ~~corcunda~~ ~~só~~ ~~se~~ ~~corrige~~ ~~na~~ ~~cova~~ ~~não~~ ~~se~~ ~~trata~~ ~~aqui~~ ~~de~~ ~~uma~~ ~~equivalenda~~ ~~mas~~ ~~de~~ ~~uma~~ ~~delenda~~ ~~esquiva~~ ~~escava~~ ~~e~~ ~~só~~ ~~encontrarás~~ ~~a~~ ~~mão~~ ~~que~~ ~~escreve~~ ~~que~~ ~~escava~~ ~~a~~ ~~simplicidade~~ ~~do~~ ~~simples~~ ~~simplicíssimo~~ ~~em~~ ~~sancta~~ ~~simplicitas~~ ~~põe~~ ~~de~~ ~~lato~~ ~~a~~ ~~literordura~~ ~~deixa~~ ~~as~~ ~~belas~~ ~~letras~~ ~~para~~ ~~os~~ ~~bel'letristas~~ ~~e~~ ~~repara~~ ~~que~~ ~~neste~~ ~~fio~~ ~~de~~ ~~linguagem~~ ~~há~~ ~~um~~ ~~fio~~ ~~de~~ ~~linguagem~~ ~~que~~ ~~uma~~ ~~rosa~~ ~~é~~ ~~uma~~ ~~rosa~~ ~~como~~ ~~uma~~ ~~prosa~~ ~~é~~ ~~uma~~ ~~prosa~~ ~~há~~ ~~um~~ ~~fio~~ ~~de~~ ~~viagem~~ ~~há~~ ~~uma~~ ~~vis~~ ~~de~~ ~~mensagem~~ ~~e~~ ~~nesta~~ ~~marginem~~ ~~da~~ ~~marginem~~ ~~há~~ ~~pelo~~ ~~menos~~ ~~marginem~~ ~~desliga~~ ~~então~~ ~~as~~ ~~cantilenas~~ ~~as~~ ~~cantilendas~~ ~~as~~ ~~cantiamenas~~ ~~descrê~~ ~~das~~ ~~histórias~~ ~~das~~ ~~stórias~~ ~~das~~ ~~estórias~~ ~~e~~ ~~fica~~ ~~ao~~ ~~menos~~ ~~com~~ ~~este~~ ~~menos~~ ~~o~~ ~~resto~~ ~~veremos~~ ~~uma~~ ~~garrafa~~ ~~ao~~ ~~mar~~ ~~pode~~ ~~ser~~ ~~a~~ ~~solução~~ ~~botelheiro~~ ~~de~~ ~~más~~ ~~botelhas~~ ~~da~~ ~~vida~~ ~~diva~~ ~~dádiva~~ ~~botelha~~ ~~que~~ ~~o~~ ~~futuro~~ ~~futura~~ ~~pela~~ ~~escura~~ ~~via~~ ~~delle~~ ~~botteghe~~ ~~oscure~~ ~~e~~ ~~quando~~ ~~a~~ ~~maré~~ ~~for~~ ~~subindo~~ ~~você~~ ~~virá~~ ~~vindo~~ ~~e~~ ~~quando~~ ~~a~~ ~~manhã~~ ~~for~~ ~~saindo~~ ~~você~~ ~~virá~~ ~~sendo~~ ~~e~~ ~~enquanto~~ ~~a~~ ~~noite~~ ~~for~~ ~~sumindo~~ ~~você~~ ~~estará~~ ~~rindo~~ ~~pois~~ ~~é~~ ~~lindo~~ ~~e~~ ~~ledo~~ ~~e~~ ~~lido~~ ~~e~~ ~~lendo~~ ~~este~~ ~~teu~~ ~~cantomenos~~ ~~este~~ ~~teu~~ ~~conto~~ ~~a~~ ~~menos~~ ~~sem~~ ~~somemos~~ ~~nem~~ ~~comenos~~ ~~este~~ ~~canto~~ ~~mesmo~~ ~~que~~ ~~já~~ ~~agora~~ ~~é~~ ~~teima~~ ~~e~~ ~~não~~ ~~se~~ ~~faz~~ ~~por~~ ~~menos~~ ~~mas~~ ~~nem~~ ~~vem~~ ~~que~~ ~~não~~ ~~tem~~ ~~se~~ ~~não~~ ~~te~~ ~~serve~~ ~~o~~ ~~meu~~ ~~trem~~ ~~se~~ ~~a~~ ~~canoa~~ ~~tem~~ ~~furo~~ ~~por~~ ~~aí~~ ~~é~~ ~~o~~ ~~futuro~~ ~~morre~~ ~~velho~~ ~~o~~ ~~seguro~~ ~~mas~~ ~~eu~~ ~~combato~~ ~~no~~ ~~escuro~~ ~~e~~ ~~pelo~~ ~~triz~~ ~~pelo~~ ~~traz~~ ~~pelo~~ ~~truz~~ ~~pelo~~ ~~trez~~ ~~tanto~~ ~~faz~~ ~~tanto~~ ~~fez~~ ~~minha~~ ~~sina~~ ~~eu~~ ~~que~~ ~~sei~~ ~~eu~~ ~~que~~ ~~pago~~ ~~pra~~ ~~ver~~ ~~se~~ ~~no~~ ~~dois~~ ~~não~~ ~~acerto~~ ~~jogo~~ ~~tudo~~ ~~no~~ ~~três~~ ~~e~~ ~~ainda~~ ~~tenho~~ ~~uma~~ ~~vez~~ ~~esta~~ ~~história~~ ~~é~~ ~~muito~~ ~~simples~~ ~~é~~ ~~uma~~ ~~história~~ ~~de~~ ~~espantar~~ ~~não~~ ~~conto~~ ~~porque~~ ~~não~~ ~~conto~~ ~~porque~~ ~~não~~ ~~quero~~ ~~contar~~ ~~cantando~~ ~~cantava~~ ~~o~~ ~~sol~~ ~~contando~~ ~~contava~~ ~~o~~ ~~mar~~ ~~contava~~ ~~um~~ ~~conto~~ ~~cantado~~ ~~de~~ ~~terra~~ ~~sol~~ ~~mar~~ ~~e~~ ~~ar~~ ~~meu~~ ~~canto~~ ~~não~~ ~~conta~~ ~~um~~ ~~conto~~ ~~só~~ ~~canta~~ ~~como~~ ~~cantar~~

